

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS

AGATHA DIADEMI

**O FUNK CONSCIENTE DE SÃO PAULO COMO POTÊNCIA CRÍTICA E
POLÍTICA**

CAMPINAS

2024

Sistema de Bibliotecas e Informação - SBI
Gerador de fichas catalográficas da Universidade PUC-Campinas
Dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Diademi, Agatha

O Funk Consciente de São Paulo como
Potência Crítica e Política / Agatha Diademi. -
Campinas: PUC-Campinas, 2024.

52 f.

Orientador: Maria Virgínia Righetti Fernandes Camilo.

TCC (Bacharelado em Serviço Social) - Faculdade de
Serviço Social, Escola de Ciências Humanas, Jurídicas e
Sociais, Pontifícia Universidade Católica de Campinas,
Campinas, 2024.

Inclui bibliografia.

1. Funk. 2. Cultura. 3. Serviço Social. I. Righetti Fernandes
Camilo, Maria Virgínia. II. Pontifícia Universidade Católica de
Campinas. Escola de Ciências Humanas, Jurídicas e Sociais.
Faculdade de Serviço Social. III. Título.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
ESCOLA DE CIÊNCIAS HUMANAS, JURÍDICAS E SOCIAIS
FACULDADE DE SERVIÇO SOCIAL

**O FUNK CONSCIENTE DE SÃO PAULO COMO POTÊNCIA CRÍTICA E
POLÍTICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Serviço Social da Escola de Ciências Humanas, Jurídicas e Sociais da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Serviço Social.

Orientadora: Prof.^a Dra. Maria Virgínia Righetti
Fernandes Camilo

CAMPINAS

2024

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
ESCOLA DE CIÊNCIAS HUMANAS, JURÍDICAS E SOCIAIS
FACULDADE DE SERVIÇO SOCIAL

AGATHA DIADEMI

**O FUNK CONSCIENTE DE SÃO PAULO COMO POTÊNCIA CRÍTICA E
POLÍTICA**

Monografia produzida como Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Serviço Social da Escola de Ciências Humanas, Jurídicas e Sociais da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, como exigência para obtenção do grau de bacharel em Serviço Social.

Campinas, 02 de dezembro de 2024

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dra. Maria Virgínia Righetti Fernandes Camilo

Orientadora e Docente da Pontifícia Universidade Católica de Campinas

Prof.^a Dra. Carla da Silva

Avaliadora convidada e Docente da Pontifícia Universidade Católica de Campinas

Karoline Torres Souza

Avaliadora convidada e Assistente Social

CAMPINAS

2024

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me abençoado, guardado e protegido durante esses quatro anos. Foi Ele que possibilitou minha entrada nesse curso, a permanência e agora, tão breve, a saída.

Agradeço à minha mãe, Viviane, e a minha avó, Maria, que em meio a todas as dificuldades que já enfrentamos, nunca desistiram e me priorizaram diante de todas as escolhas. Foram as senhoras que lutaram para que eu sempre acessasse o melhor estudo dentro de nossa realidade, fizeram o possível e o impossível para que ali eu fosse mantida. Me incentivando e alimentando a busca por uma vida melhor, através da educação. Obrigada por tudo, amo as senhoras!

Agradeço ao meu pai, Leonardo, e aos meus avós, Carlos e Rosemeire. Os senhores também são parte desse processo. Me forneceram suporte, colaboraram com a minha construção e acreditaram em mim. Amo os senhores!

Agradeço ao meu noivo, Vitor, por ter me incentivado a realizar o vestibular e acreditado que eu seria capaz. Seu amor, afeto, companheirismo, reconhecimento e, principalmente o suporte, foram essenciais na minha jornada. Amo você!

As minhas amigas Ana Carolina, Ana Lídia, Camilly, Cláudia, Maria Fernanda e Maysa, companheiras de graduação e logo mais, de profissão. Todo esse processo foi menos difícil e dolorido graças ao suporte de uma para com as outras. Entramos juntas e sairemos juntas. Obrigada por tudo, estou ansiosa para nos encontrarmos nos campos de atuação. Amo vocês!

Ao meu grupo de amizade que me acompanha desde o ensino fundamental, Ana, Danielle e Marcelo. Obrigada pelo apoio, momentos de escuta e acolhimento. A amizade e amor de cada um tornaram esse processo menos árduo. Amo vocês!

As minhas queridas professoras de Serviço Social, Carla, Fabiana, Jeanete, Vânia e em especial a minha orientadora, Prof.^a Dra. Maria Virgínia. Sou grata por tanto conhecimento compartilhado, tanta empatia, acolhimento e suporte da qual precisei.

Aos assistentes sociais que fizeram parte da minha trajetória, em especial àquelas que foram minhas supervisoras diretamente, Cíntia, Karoline e Joseany. Vocês foram muito importantes para a minha formação. Obrigada pela dedicação nos ensinamentos, pelo carinho, por acreditarem em mim, no que eu era e sou capaz de realizar.

Aos profissionais que compunham e compõem os campos de estágio da qual pude estar e aprender. Obrigada por todo incentivo, conhecimento compartilhado e reconhecimento de quem eu me tornei e irei me tornar. Todos vocês foram essenciais, contribuíram nesse processo de formação e me fizeram enxergar a riqueza de uma atuação coletiva que busca transformações.

Enfim, agradeço a todos que contribuíram direta ou indiretamente para minha formação e transformação. No coletivo encontro forças para continuar a caminhada. Fé!

“Que no meio disso eu tenho uma esperança
Que eu vejo brilhar no olhar das crianças
Que elas percebam que só no caminho dos livro'
Existe um caminho pa' ficarmos livres dos nossos
algoz
É
Enquanto nós estiver vivo, elas vão quer ser
igual ou mais foda que nós”

(MC Hariel, 2022)

RESUMO

A presente pesquisa possui como objetivo central compreender a potencialidade crítica e política que o Funk Consciente detém, visto o subgênero retratar em suas letras as realidades vividas nas periferias. A premissa é que esse movimento cultural fortalece a população residente nesse território, evidenciando seu cotidiano, com uma crítica social que ocupa um lugar de denúncia de desigualdades e violência. O estudo utiliza uma abordagem qualitativa, sendo realizado análise documental a partir de entrevistas, letras de músicas e pesquisas bibliográficas. O referencial teórico perpassa a compreensão de cultura no Brasil, o histórico, a dimensão e potencialidades do Funk nos dias atuais. O Funk Consciente desempenha um papel essencial na promoção da resistência cultural e no fortalecimento da identidade das classes populares, conectando-se com os princípios do Serviço Social.

Palavras-chaves: Funk. Funk Consciente. Cultura. Serviço Social.

ABSTRACT

The primary objective of this research is to understand the critical and political potential of Conscious Funk, given that this subgenre portrays in its lyrics the realities experienced in the peripheries. The premise is that this cultural movement empowers the populations residing in these territories by highlighting their daily lives while offering a form of social critique that serves as a denunciation of inequalities and violence. The study employs a qualitative approach, conducting a documentary analysis based on interviews, song lyrics, and bibliographic research. The theoretical framework addresses the understanding of culture in Brazil, the history, dimension, and potential of Funk in contemporary times. Conscious Funk plays an essential role in promoting cultural resistance and strengthening the identity of the working classes, aligning with the principles of Social Work.

Keywords: Funk. Conscious Funk. Culture. Social Work.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1...	37
Quadro 2...	39
Quadro 3...	42

LISTA DE SIGLAS

DJ: Disk-jockey

MC: Mestre de Cerimônia

RAP: Ritmo e Poesia

SPA: Substâncias psicoativa

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	13
2. AS POSSIBILIDADES DE CULTURA E A MÚSICA COMO INSTRUMENTO... ..	15
2.1 Alguns dos componentes de formação cultural do Brasil.....	16
2.2 A música na cultura... ..	18
2.3 O Serviço Social e a cultura.....	18
3. AS DIMENSÕES SOBRE O GÊNERO MUSICAL FUNK... ..	23
3.1 O Funk no Estado de São Paulo... ..	28
3.2 O Funk Consciente.....	30
3.3 Funk como manifestação cultural e a possibilidade de um caminho de mudança... ..	33
4. O FUNK CONSCIENTE, SUA CAPACIDADE POLÍTICA E O SERVIÇO SOCIAL... ..	37
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	45
REFERÊNCIAS.....	47

1. INTRODUÇÃO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresenta uma análise do subgênero musical Funk Consciente, do Estado de São Paulo, como manifestação cultural que detém capacidade política e crítica ao sistema vivenciado.

A escolha da temática estudada parte principalmente sobre minha vivência como uma mulher pobre e moradora de periferia, na qual o Funk sempre esteve presente no cotidiano. Tanto na escola, bairro, festas e confraternizações.

Como aluna de Serviço Social, ao iniciar o período de estágio percebia-se que nos atendimentos com usuários que o estilo musical também fazia parte da vida daquelas pessoas, sendo em momentos de lazer, reflexão e/ou ócio. Até mesmo presenciando cenas onde usuários visualizaram cantores de Funk como referências, ao almejar profissões para quando fossem adultos. Logo, foram surgindo questionamentos: De que maneira o assistente social pode se utilizar dessa cultura musical para a atuação com a população? Como o Funk se torna uma referência e exemplo profissional para seus ouvintes?

Em relação à formação do documento, no segundo capítulo explora-se a compreensão da cultura como sendo um elemento que é moldado pelas estruturas sociais e econômicas da sociedade, acompanhando-as de maneira dinâmica. Com enfoque no Brasil, abordamos elementos centrais responsáveis pela formação da base cultural do país. O que favoreceu para um desenvolvimento cultural heterogêneo na nação, em específico no ramo musical. Que como o Funk, é apresentado como uma manifestação cultural das classes populares, carregando em si as tensões e resistências contra a hegemonia dominante. Logo, sendo a cultura um dos espaços na qual o assistente social está presente para a discussão, cabe ao profissional reconhecer e potencializar essas manifestações.

O terceiro capítulo aborda a história do Funk, retratando suas origens nos Estados Unidos da América até sua adaptação, fixação e formulação de um novo Funk no Brasil. O gênero é descrito como um movimento que se transforma e se molda às realidades locais, servindo como um espelho das vivências periféricas. A análise destaca os desafios enfrentados pelo estilo musical, como o preconceito e a criminalização, entretanto, é retratado sua capacidade de se reinventar e resistir.

Já no quarto capítulo, é realizada a análise de letras de músicas do Funk Consciente, por sua capacidade de traduzir as vivências periféricas em uma linguagem acessível e politizada, que dialoga diretamente com seu público-alvo.

Nessa perspectiva a reflexão deste trabalho sinaliza que o Funk Consciente é um movimento cultural relevante que deve ser conhecido, analisado e valorizado pelo Serviço Social na dimensão pedagógica. Pois o mesmo contém expressões de potencialidade de crítica social, decorrente trabalho de conscientização de classe, organizações comunitárias e de resistência, fortalecimento de potencialidades e mediações frente a compreensão da sociedade e suas capacidades de transformação. Trata-se da construção de resistência, luta à cultura de dominação da classe burguesa.

2. AS POSSIBILIDADES DE CULTURA E A MÚSICA COMO INSTRUMENTO

Discutir a respeito de cultura faz com que se retome o pensamento de algo subjetivo, que perpassa todos os sujeitos, assim como está presente em tudo e em todos. Logo, se é ‘algo’ que se nota nos primeiros registros da humanidade, como sendo em costumes e/ou organizações políticas etc., podemos entender que ela acompanha as mudanças das sociedades.

Chauí (2006) refere que no século XVIII a cultura se tornou um padrão para poder medir a civilização existente em uma sociedade. Com isso, se um povo era considerado dentro dos critérios impostos (artes, ciências, técnicas, filosofia, ofícios), o mesmo era dado como uma sociedade que estava em progresso e caminhando para a evolução.

É durante o século XX que correntes de pensamento de antropologia se debruçam para desenvolver um novo pensamento a respeito de cultura. Sendo trabalhado a linha da antropologia social e política, que de acordo com Chauí

[...] cada cultura é vista como singularidade, uma individualidade própria, dotada de uma estrutura específica. A partir desse momento, o termo cultura ganha uma abrangência que não possuía antes, passando a significar o campo das formas simbólicas. [...] passa a ser entendida como criação coletiva da linguagem, da religião, dos instrumentos de trabalho, das formas de habitação, vestuário e culinária, das manifestações do lazer, da música, da dança, da pintura e da escultura, dos valores e das regras de conduta, dos sistemas de relações sociais, particularmente os sistemas de parentesco e as relações de poder. A partir de então, a cultura é compreendida como o campo no qual uma comunidade institui as relações entre seus membros e com a natureza, conferindo-lhes sentido ao elaborar símbolos e signos, práticas e valores, ao definir para si própria o possível e o impossível, a linha do tempo (passado, presente e futuro), as distinções no interior do espaço, o verdadeiro e o falso, o belo e o feio, o justo e o injusto, o permitido e o proibido, a relação com o visível e o invisível, com o sagrado e o profano, a guerra e a paz, a vida e a morte (Chauí, 2006, p. 173-174).

A autora ainda complementa sua análise destacando o significado de comunidade e sociedade.

[...] comunidade é a indivisão interna e a ideia de bem comum; seus membros estão sempre numa relação face a face (sem mediações institucionais), possuem o sentimento de uma unidade de destino, ou de um destino comum [...] Sociedade significa isolamento, fragmentação ou atomização de seus membros, forçando o pensamento moderno a indagar como os indivíduos isolados podem se relacionar, tornar-se sócios (Chauí, 2006, p. 174-175).

Nessa perspectiva, o modo de produção que temos fomenta o pensamento e a ação na perspectiva individualista, em que cada pessoa pode alcançar o sucesso pela sua capacidade de lutar pelo mesmo. A sociedade organizada pelo modo de produção capitalista tem como objetivo o lucro resultante da produção e venda de mercadorias. As classes sociais que

reproduzem e garantem o lucro ocupam lugares diferentes na sociedade: a classe dominante que detém os meios de produção e a classe que vive da venda da força de trabalho, a trabalhadora.

A igualdade preconizada nas leis e regulamentações da sociedade correspondem a uma realidade social de desigualdade (Iamamoto, 2011). Essa organização preconiza a divisão do trabalho e da inserção dos indivíduos na sociedade, contribuindo para a reprodução e manutenção do modo de pensar e agir, propiciando a dominação, opressão, a criação de uma cultura que domina e de uma que é dominada.

2.1 Alguns dos componentes de formação cultural do Brasil

Se observarmos o processo de colonização no Brasil, visualizamos que naquele período foi imposto a régua de cultura capitalista e ocidental. Podemos nomear esse acontecimento por aculturação¹, pois ele ocorreu com o objetivo de ‘civilizar’ aqueles povos, apagar suas identidades e possibilidades de transformações/revoluções a partir da perspectiva colonizadora. Pensando no território Brasil, esse processo foi vivenciado durante os anos de colonização portuguesa, propiciando a violência para com pessoas indígenas, como no processo de apagamento das religiões nativas, costumes e identidades.

Com base em Oliveira (2012), a função dos jesuítas era a conversão e a educação dos indígenas brasileiros, até então considerados como povos bárbaros pelos portugueses, e com dominados por demônios. E, uma vez convertidos e catequizados, os índios poderiam receber ordens mais facilmente e assim, serviriam como mão-de-obra sem que houvesse nenhum tipo de resistência, assim sendo, o objetivo era o de pacificá-los para dominá-los e explorá-los. Todavia, essa catequização não foi possível sem a infiltração do sincretismo, que se iniciou na colônia através desse processo educacional de catequese (Oliveira, 2012 apud Verli, 2019, p. 08).

Ele se enquadra para a população africana que foi traficada e escravizada no país, todavia, junto aos mesmos vieram seus costumes e crenças, que no decorrer do processo violento de escravidão os colonizadores fizeram esforços para que tivesse o apagamento dessa cultura. Mas como forma de resistência, eram encontrados meios para alimentar as tradições, possibilitando para que não se perdesse a mesma, como quilombos, associações de nomes de orixás com santos² etc.

¹Processo de alteração cultural de uma pessoa, grupo ou sociedade que busca se adaptar a outra cultura ou retira dela aspectos importantes (Dicionário Online de Português, [.201?]).

² Mistura de pensamentos ou opiniões diversas para formar um único. Ecletismo. Assimilação. Integração. No caso dos cultos afro brasileiros, assimilação de um orixá, vodun ou divindade bantua um santo católico, formando uma só divindade. Ex.: Oxalá = Sr. do Bonfim (Bahia), Ogun = São Jorge (Rio) etc. No mina-jeje (Maranhão) não há sincretismo. F. –Port., do grego. (1988) (Fonseca, apud Verli, 2019, p. 11).

Anteriormente à chegada de muitos negros ao Brasil, o catolicismo já havia transitado entre muitos deles em suas terras natais. Todavia, mesmo já tendo tido contato com o Catolicismo, ao chegarem em terras coloniais, continuaram com suas crenças e as mantiveram, praticando-as, de forma heterogênea, mas preservada. De forma que, esse sincretismo colonial afrodescendente já havia sido iniciado na colonização africana, fator este que apenas se repetiria no Novo Mundo, no entanto, de forma mais aguda do que como ocorrido na África, em que os Orixás ganhavam nome de santos, surgindo assim os devotos da cor que eram os santos negros adaptados pelos escravos como forma de aceitação e inclusão religiosa (Fonseca apud Verli, 2019, p. 11).

Com o processo de colonização em andamento, fazia-se necessário para os colonizadores trazerem a influência europeia para o país, conseqüentemente, almejando a diminuição de incidência da cultura indígena e africana. Dessa forma, foi realizado o incentivo à imigração europeia (italianos, portugueses, espanhóis, alemães) com objetivo do ‘embranquecimento’ da população, visto que após a abolição da escravidão havia muitas pessoas negras no país. Os governantes desejavam dar uma ‘nova face’ e transformar o Brasil em um lugar ‘adequado’ e ‘civilizado’. Criando uma identidade nova para o país, distante de qualquer traço negro e indígena, enquadrando-o na régua europeia.

A orientação predominantemente racista da política imigratória foi outro instrumento básico nesse processo de embranquecer o país. A assunção prevalecente, inspirando nossas leis de imigração, considerava a população brasileira como feia e geneticamente inferior por causa da presença do sangue africano. Necessitava, conforme receita de Arthur de Gobineau (1816-1882), influente diplomata e escritor francês, “fortalecer-se com a ajuda dos valores mais altos das raças europeias” [66]. Gobineau previa que dentro de dois séculos a raça negra desapareceria por inteiro. Até mesmo Joaquim Nabuco, o enérgico defensor do escravo, estava comprometido na política do embranquecimento, expressando suas esperanças de que “Esse admirável movimento imigratório não concorre apenas para aumentar rapidamente, em nosso país, o coeficiente da massa ariana pura: mas também, cruzando-se e recruzando-se com a população mestiça, contribui para elevar, com igual rapidez, o teor ariano do nosso sangue (Nascimento, 2016, p. 68-69).

Hoje, temos um país de tamanho continental que abarca 24 Estados e apresenta diferentes expressões, costumes e tradições. Logo, não podemos deduzir que apenas uma ‘cultura’ representa o país, mas compreender que ele forma sua identidade a partir da junção de todas elas. Essa é uma discussão que se mostra muito presente no cotidiano, devido os conflitos sobre o que pode ser considerado e valorizado, principalmente quando o debate busca as origens daquela arte e sua capacidade política, pois se adentra no campo de dominância e poder explicitando e dividindo o que se tem ‘qualidade’.

2.2 A música na cultura

Tomemos como exemplo estilos musicais, no século XXI temos o que chamamos de indústria fonográfica, que basicamente são empresas que se organizam de modo a ‘trabalhar’ junto com artistas, vendendo suas músicas, gravações e obtendo o lucro sobre o trabalho. A possibilidade de produzir música e vendê-la nas plataformas digitais (spotify, youtube, deezer...), fez com que essa indústria se tornasse um produto muito rentável.

Rio de Janeiro, 25 de setembro de 2023 – A Pro-Música, entidade que representa as principais gravadoras e produtoras fonográficas do Brasil, anuncia que o mercado fonográfico brasileiro registrou 12,6% de crescimento no primeiro semestre de 2023, comparando o mesmo período do ano anterior. Com isso, o setor alcançou um faturamento R\$ 1,191 bilhão no período, considerando apenas as receitas nos formatos digital e físico (Pro-Música, 2023).

Logo, se a música se tornou lucro, ela torna-se mercadoria, produto do capitalismo e consequentemente há uma classe que a comanda. Contudo se há o domínio da venda de algo, é escolhido o que deve ser vendido e consumido, e se algo foge desse padrão é rechaçado e taxado como impróprio, vazio e “sem cultura”. Esse é um cenário que acontece principalmente com os estilos musicais que provém de espaços marginalizados, periféricos e de predominância preta (como o Funk, rap e samba), pois o seu desenvolvimento recebe a influência da classe trabalhadora e de suas realidades. Representando um modo de interagir com o outro, expondo um dos diversos modos de cultura, retratando o caráter político e de criticidade ao sistema econômico existente. Portanto, qualquer expressão que desafie as normas e produtos estabelecidos provoca desconforto, rejeição e é determinado como algo “sem cultura”.

2.3 O Serviço Social e a cultura

No Brasil, a profissão de assistente social foi regulamentada pela primeira vez em 1957, com a Lei nº 3.252. Sendo que naquela época o Serviço Social se apresentava com uma atuação assistencialista, conservadora e tecnicista.

Logo, reconhecendo a necessidade de atualização da profissão, o Serviço Social da América Latina passou pelo Movimento de Reconceituação na década de 1960, apresentando críticas a essas práticas que perpetuavam no cotidiano de atuação. Bem como, se discutiu a respeito de uma atividade laboral que trabalhasse com as expressões da questão social.

A questão social diz respeito ao conjunto das expressões de desigualdades engendradas na sociedade capitalista madura, impensáveis sem a intermediação do Estado. Tem sua gênese no caráter coletivo da produção, contraposto à apropriação privada da própria atividade humana – o trabalho – das condições necessárias à sua realização, assim como de seus frutos. (...) expressa, portanto, disparidades

econômicas, políticas e culturais das classes sociais, mediatizadas por relações de gênero, características ético-raciais e formações regionais, colocando em causa as relações entre amplos segmentos da sociedade civil e o poder estatal (Iamamoto, 2011, p. 17).

Fato importante a se pontuar, é a aderência dos assistentes sociais, pela leitura da sociedade a partir da Teoria Crítica.

[...] Uma das mais importantes contribuições da Teoria Crítica consiste no diagnóstico do tempo presente, capaz de demonstrar os obstáculos e as possibilidades para a emancipação humana. [...] a escola de Frankfurt contribui teoricamente para desvelar questões sociais que emergem da sociedade atual. Dentre outras temáticas emergentes do processo de desenvolvimento do capitalismo, os teóricos que integravam o Instituto de Pesquisas Sociais se ocuparam com a multiplicação dos meios de comunicação; o esgotamento da autonomia da cultura em relação à economia; as relações sociais e de trabalho. Assim sendo, a diversidade de temas em debate foi uma das características dos integrantes do Instituto, relacionados à análise dos contextos históricos, tendo como mediadores as relações de dominação e de subordinação e enfatizando a importância do pensamento crítico (Bonatto; Brandalise; Goes; Silva, 2017, p. 73-74).

A adesão à Teoria Crítica, favoreceu a interpretação a respeito da relação capital X trabalho, as desigualdades estruturais e as consequências para a classe trabalhadora. Especificamente no Brasil, esse movimento de atualização ficou conhecido no III Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais, que ocorreu em São Paulo no ano de 1979. Sendo nomeado como Congresso da Virada, pois representa uma ruptura com o perfil conservador e assistencialista da profissão, definindo o trabalho profissional ancorado na criticidade, transformação social e defesa dos direitos.

O III CBAS se colocou como um elo nessa transição histórica entre a ditadura e a democracia, assim como um elo de ligação dos assistentes sociais com os trabalhadores, de identificação das lutas dos assistentes sociais com as lutas mais gerais da sociedade e como uma ruptura com um modelo de prática de adaptação, para reforçar uma articulação da profissão com as transformações das relações sociais de dominação e exploração no cotidiano de sua atuação (Conselho Federal de Serviço Social, 2009, p. 53).

Como um meio de registro desse novo perfil, uma nova regulamentação foi instituída pela Lei nº 8.662/93, que atualmente rege a profissão. Agregado a elaboração e aprovação das Diretrizes Gerais para o curso de Serviço Social em 1996, assegurando a obrigatoriedade de um currículo mínimo nas instituições de ensino.

Além disso, o Código de Ética do(a) Assistente Social passou por revisões e se consolidou como uma referência essencial para o alinhamento da atuação dos profissionais em todo o país. Tal documento apresenta em sua composição os “Princípios Fundamentais”, que são artigos direcionadores da atuação do profissional, podendo destacar os seguintes:

I. Reconhecimento da liberdade como valor ético central e das demandas políticas dela inerentes - autonomia, emancipação e plena expansão dos indivíduos sociais;

II. Defesa intransigente dos direitos humanos e recusa do arbítrio e do autoritarismo;

III. Ampliação e consolidação da cidadania, considerada tarefa primordial de toda sociedade, com vistas à garantia dos direitos civis sociais e políticos das classes trabalhadoras;

IV. Defesa do aprofundamento da democracia, enquanto socialização da participação política e da riqueza socialmente produzida;

V. Posicionamento em favor da equidade e justiça social, que assegure universalidade de acesso aos bens e serviços relativos aos programas e políticas sociais, bem como sua gestão democrática;

VI. Empenho na eliminação de todas as formas de preconceito, incentivando o respeito à diversidade, à participação de grupos socialmente discriminados e à discussão das diferenças; (Código de Ética do Assistente Social, 2012, p. 23).

Os seis artigos acima retratam posições e condutas que assistentes sociais tomam como referência no exercício profissional, pois norteiam a prática profissional em direção à promoção de uma sociedade mais justa, equitativa e democrática.

Quando trabalhamos o fator de reconhecimento da liberdade como um valor central, é possibilitado e potencializado a liberdade individual e coletiva, criando um ambiente favorável e fornecendo os recursos necessários para que cada indivíduo possa explorar e aprimorar suas habilidades. Já a defesa dos direitos humanos se torna imprescindível para uma compreensão crítica e abrangente da sociedade. Esses direitos funcionam como uma lente através da qual podemos avaliar as estruturas sociais, as relações de poder, as condições de vida das populações e norteando a visão do assistente social frente às demandas que chegam aos serviços e espaços sócio-ocupacionais da profissão, bem como para regulação e implementação de políticas sociais.

Olhando para a cidadania como “o *status* daqueles que são membros de uma comunidade e são por ela reconhecidos” (Costa; Ianni, 2018), entende-se que de fato ela é um objetivo que se almeja. A população atendida nos serviços socioassistenciais necessita efetivá-la, pois os direitos sociais foram instituídos na Constituição de 1988, todavia o princípio da mesma se efetiva quando os respectivos direitos são acessados.

Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade.

Art. 6º São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição (Brasil, 2024).

A participação política de grupos minoritários, resultam em mobilização por proteção social, com distribuição mais equitativa dos recursos e oportunidades, combatendo a desigualdade. Por fim, com a soma da eliminação do preconceito e o respeito à diversidade

pela participação de grupos discriminados, criando espaços de diálogos, promovendo a compreensão, respeito e aceitação das diferenças.

[...] “Dispondo de uma dimensão estrutural, ela atinge visceralmente a vida dos sujeitos numa “luta aberta e surda pela cidadania” (Ianni, 1992), no embate pelo respeito aos direitos civis, sociais e políticos e aos direitos humanos. Esse processo é denso de conformismos e rebeldias, expressando a consciência e a luta pelo reconhecimento dos direitos de cada um e de todos os indivíduos sociais. É nesse terreno de disputas que trabalham os assistentes sociais (Iamamoto, 2010, p. 160).

Compreender que o Serviço Social é essa profissão que se norteia pelo estudo da sociedade e intervenções, entende-se que a cultura faz parte dessa formação e é imprescindível entender seus modos de formação, composição, especificidades e potencialidades.

O Serviço Social enquanto profissão voltada para a intervenção na realidade social, que compreende o homem enquanto ser humano genérico deve considerar os aspectos culturais dos mesmos, já que são estes que compõem a sua vida particular e social. Na medida em que o homem constrói a sua vida e a sua história, constrói a história da humanidade e na medida em que se transforma, também transforma a sociedade (Moljo; Cunha, 2009, p. 83).

Assistentes sociais estão inseridos cotidianamente na cultura, fazendo-se necessário que esses profissionais entendam o contexto cultural dos territórios e indivíduos com os quais trabalham. A cultura influencia valores, crenças, comportamentos e necessidades das pessoas, e esse entendimento é crucial para intervenções eficazes e sensíveis. A atuação direta no fortalecimento de identidades culturais, preservação de valores, tradições e o fomento de potencialidades, diz respeito à efetividade da teoria em que a profissão está norteada.

Os assistentes sociais trabalham com a questão social nas suas mais variadas expressões cotidianas, tais como os indivíduos as experimentam no trabalho, na família, na área habitacional, na saúde, na assistência social pública etc. Questão social que, sendo desigualdade é também rebeldia, por envolver sujeitos que vivenciam as desigualdades e a ela resistem e se opõem. É nesta tensão entre produção da desigualdade e produção da rebeldia e da resistência, que trabalham os assistentes sociais, situados nesse terreno movidos por interesses sociais distintos, aos quais não é possível abstrair ou deles fugir porque tecem a vida em sociedade (Iamamoto, 2000, p.27).

A atuação do/a assistente social no trabalho com a população que demanda os serviços sócio/assistenciais necessita de compreensão sobre as formas de enfrentamento e resistência, apresentando respostas e resistência, pois ela não tem apenas necessidades, mas também potencialidades (Iamamoto, 1982).

A função pedagógica do trabalho profissional é destaque na análise de Abreu & Cardoso (2009) com práticas educativas construídas no desenvolvimento da intervenção

profissional, com ênfase nos processos de mobilização social e organização, a partir da perspectiva das classes subalternas.

A função pedagógica desempenhada pelo assistente social inscreve a prática profissional no campo das atividades educativas formadoras da cultura, ou seja, atividades formadoras de um modo de pensar, sentir e agir, também entendido como sociabilidade. A formação da cultura, no pensamento gramsciano, adequasse às necessidades do padrão produtivo e do trabalho, sob a hegemonia de uma classe (Abreu; Cardoso, 2009, p. 01-02, grifos das autoras).

O Serviço Social tem historicamente, distintos e contraditórios projetos culturais inscritos em sua função pedagógica na sociedade brasileira, ao longo da sua trajetória. Estes projetos construídos no desenvolvimento da profissão se destacam pelas estratégias educativas da luta de classes para exercício da hegemonia. Nessa perspectiva, Abreu & Cardoso (2009) destacam estratégias educacionais subalternas, vinculadas à necessidade de reprodução das relações de dominação e exploração do capital sobre o trabalho. Bem como, o conjunto da sociedade e estratégias educativas emancipatórias, vinculadas à necessidade histórica de construção de uma ordem societária opondo-se ao capital.

3. AS DIMENSÕES SOBRE O GÊNERO MUSICAL FUNK

Para compreendermos a respeito do Funk, inicialmente deve se seguir na linha de que esse gênero musical possui uma origem que já nasce vinda de uma mistura cultural. Se adaptando aos gostos, desenvolvendo novas vertentes e se consolidando como uma manifestação artística, política e crítica. Tal como, nutrindo identidades e proporcionando representatividade na classe onde se originou, bem como o faz os Racionais MCs.

Já para o sociólogo Tiaraju D'Andrea, mais do que simplesmente representar o cotidiano periférico em crônicas poderosas, a obra dos Racionais ajudou a fundar uma nova subjetividade, criando condições para a emergência do que ele define como “sujeito periférico”: o morador da periferia que assume sua condição, tem orgulho desse lugar e age politicamente a partir dele. O termo “periferia” passaria a designar não apenas “pobreza e violência” — como até então ocorria no discurso oficial e acadêmico —, mas também “cultura e potência”, confrontando a lógica genocida do Estado por meio da elaboração coletiva de outros modos de dizer (Oliveira, 2018, p. 12).

A história do Funk tem seu início nos Estados Unidos da América por volta dos anos de 1930 e 1940, quando a população negra que trabalhava nas fazendas no sul dos EUA, iniciou o processo de migração para os grandes centros urbanos do país. Logo, levaram consigo o estilo soul, que proporcionou o desenvolvimento do rhythm and blues (R&B) (Vianna, 1987, p. 37).

É por volta dos anos de 1968 que se percebe que o "soul" já havia perdido sua antiga definição precisa e passou a ser visto como um sinônimo de "música negra", abandonando sua essência revolucionária dos primeiros anos da década. Com isso, há o fomento do termo ‘funky’ que deixou de ser associada a algo pejorativo e se torna um símbolo de orgulho para a comunidade negra, pois se tornou um estilo de vida que era refletido em roupas, músicas, bairros, modo de se portar... Consequentemente, devido a radicalização do estilo e letras mais pesadas, ocorreu o distanciamento da população branca como ouvinte desse estilo (McEwen, 1980 apud Vianna, 1987, p. 45).

A popularização do estilo fez com que fosse tocado em várias discotecas pelo país. Logo, atraiu Kool Herc, um disk-jockey (DJ) jamaicano que importou a técnica de mixagem durante as músicas e influenciou outros músicos estadunidenses, sendo um deles Grandmaster Flash (Vianna, 1987, p. 46). Flash entregava um microfone para que os dançarinos pudessem improvisar discursos acompanhando o ritmo da música (uma espécie de repente-elétrico que ficou conhecido como rap – os “repentistas” são chamados de rappers ou MCs, isto é, “masters of ceremony”). Atualmente lê-se rap como “Ritmo e Poesia”, do inglês, “Rhythm And Poetry”.

Importante pontuar que durante o desenvolvimento do Funk, ocorre de maneira concomitante o crescimento do rap e o hip hop, também para além de ser apenas um estilo musical, mas sim um modo de vida, arte, consciência política e de classe. Logo, os estilos bebem nas fontes uns dos outros devido à proximidade “Os scratches³ dos DJs nova-iorquinos eram feitos em cima de ritmos funky. O hip hop mixa todos os estilos da blackmusic norte-americana, mas o fundamental é o funk mais pesado reduzido ao mínimo: bateria, scratch e voz” (Vianna, 1987, p.39).

Já no Brasil começamos a visualizar o estilo por volta dos anos 1970, ocorrendo a disseminação nas favelas e periferias no Rio de Janeiro dentro dos bailes ([...] baile da Pesada, festa Soul Grand Prix, festa Som 2000, Uma Mente Numa Boa, Tropa Bagunça, Cash Box...), que aconteciam de forma semanal e em lugares diferentes da cidade. Tais bailes eram e seguem sendo até os dias de hoje caracterizados pelo agrupamento de caixas de som, que formam paredões e prezam pela disseminação de um som com qualidade (Pedro, 2015, p. 39).

Apesar de hoje o circuito funk carioca ser manifestação cultural predominante suburbana, os primeiros bailes foram realizados na Zona Sul, no Canecão, aos domingos, no começo dos anos 70. A festa foi organizada pelo discotecário Ademir Lemos, que até então só trabalhava em boates, e pelo animador e locutor de rádio Big Boy, duas figuras consideradas lendárias pelos funkeiros. Big Boy produzia e apresentava um programa diário (menos aos domingos) na rádio Mundial (uma estação que sempre tentou atingir um público “jovem”), o horário radiofônico mais popular da época. Os bailes da pesada, como eram chamadas essas festas domingueiras do Canecão, atraíam cerca de 5.000 dançarinos de todos os bairros cariocas, tanto da Zona Sul quanto da Zona Norte. [...] Intelectualizado ou não, o Canecão passou a ser considerado o palco nobre da MPB. O Baile da Pesada foi transferido para os clubes do subúrbio, cada fim de semana em um bairro diferente. Informantes que foram a estes bailes contam que uma legião fiel de dançarinos ia a todos os lugares, do Ginásio do América ao Cascadura Tênis Clube (Vianna, 1987, p. 50-51).

Todavia, o Funk visto naquela época era um Funk estadunidense, em inglês. Logo, os DJ's brasileiros importavam a música para o Brasil e a reproduzem em português, sons esses conhecidos como “melôs”. Adquirindo novos significados, abasileirando letras e trazendo identificação com o público.

[...] um jeitinho brasileiro de se cantar essas músicas. Os freqüentadores faziam as suas próprias versões em português, utilizando palavras que soassem como a letra original. Aí surgiram as “melôs”. E essa febre dos anos 1980 não perdoava ninguém, do pop ao rock. Exemplos são a Melô da verdade (Girl YouKnowit'sTrue, de MilliVanilli) e a Melô do neném (Back on The Chain Gang, da banda Pretenders) (Medeiros apud Reitenbach, 2010, p. 04).

³Utilização da agulha do toca-discos, arranhando o vinil em sentido anti-horário, como instrumento musical. (Vianna, 1987, p. 46)

Assim como o Funk também foi caracterizado nos Estados Unidos, no Brasil as pessoas que frequentavam os bailes também se vestiam de maneira a expressar sua identidade, identificando com o espaço e com os demais. Ambos os gêneros buscavam vestir roupas que se assemelhavam às de grifes, como modo de ostentação. Normalmente, homens com bermudas grandes, camisetas coloridas, tênis e cordões dourados. Mulheres com saias e camisetas curtas, colocando a atenção sobre o próprio corpo (Pedro, 2015).

O jovem suburbano, frequentador de qualquer baile funk, também tenta se vestir como os jovens da elite (no caso, os surfistas) da Zona Sul. Mas na apropriação de um estilo 'exótico', um novo código indumentário é criado. Vários detalhes da roupa [...] seriam considerados de mau gosto ou 'cafonas' pelos surfistas da Zona Sul (Vianna, 1988, p. 91).

Uma das figuras marcantes e que proporcionou maior visibilidade ao Funk e sua entrada na indústria fonográfica é o DJ Malboro (Fernando Luís Mattos da Matta), pois com ele temos a primeira introdução do instrumento bateria eletrônica (possibilitando criar diversas batidas) nos bailes e com isso, a criação do gênero exclusivamente nacional, lançando o primeiro álbum "Funk Brasil 1989", pela gravadora PolyGram (Universal Music Group).

Temos ainda o surgimento de espaços que possibilitavam a competição de cantores de Funks em batalhas uns com os outros. Esses locais eram conhecidos como Festival de Galeras, o cantor que tinha maior domínio das letras que escreviam e atraíam a maior parte do público, ganhava a batalha. Dessa forma nasce o MC no Funk, acompanhado de batidas feitas pelo DJ do baile. Visualizamos composições nacionais e individuais, que passam a ser conhecidas como "raps". Algumas músicas retratavam o cotidiano na comunidade, sendo um dos pontos a exposição a violência vivenciada (Pedro, 2015).

Já em 1994 ocorre a oportunidade de o Funk ser exibido nacionalmente através de emissora de TV. Malboro foi convidado pelo programa da Xuxa - Xuxa Park Hits -, e passou a tocar no programa por 3 anos, possibilitando maior aderência do público que já ouvia Funk, e ao mesmo tempo sofrendo com os ataques preconceituosos da população e imprensa.

Em meio a essa aproximação, o funk continua a enfrentar ondas de associação criminal, porém a indústria cultural se encanta novamente pelo gênero. Mesmo com toda a repercussão e barulho dos funkeiros e com todos os recordes de vendas de suas produções, o gênero não emplaca como sendo de primeira linha e permanece estigmatizado como subproduto cultural, no sentido de ser classificado como produção menor dentro das gravadoras que ainda apostavam no funk (Reitenbach, 2010, p. 06).

Por mais que fosse estigmatizado, a população periférica e favelada não deixava de aderir ao Funk. Tanto que nos anos 2000 visualizamos o surgimento dos bondes como um

modo de fortalecimento do coletivo. “Esses grupos assumiam coletivamente a denominação de bonde. Não o bonde que a classe média conhecia dos noticiários - o do câmbio dos traficantes - mas o de grupos de funk formados por um ou mais MC’s e um punhado de dançarinos.” (Essinger, 2005, p. 199-200).

Concomitante a isso, a Furção 2000 (produtora e gravadora carioca) passou a ganhar espaço e se tornou um marco responsável pelo fomento ao Funk via programa de televisão e rádio, juntamente com demais outros canais, expandindo o gênero para fora das favelas e comunidades (Pedro, 2015).

A aderência ao Funk (e seus demais subgêneros: proibidão, putaria, melody, tamborzão (Pedro, 2015)) e sua disseminação nacional e identificação da população para com o estilo, fez com que o mercado possibilitasse outros lançamentos que marcaram gerações ainda dos anos 90 e posterior anos 2000, como *Rap da Felicidade*⁴ de Cidinho & Doca, retratando em sua letra a consciência frente à exaustão quanto a violência policial e do crime organizado na favela, impossibilitando de se viver tranquilamente e usufruir de um momento de lazer.

*Eu só quero é ser feliz
Andar tranquilamente na favela onde eu nasci, é
E poder me orgulhar
E ter a consciência que o pobre tem seu lugar
[...]
Minha cara autoridade, eu já não sei o que fazer
Com tanta violência eu sinto medo de viver
Pois moro na favela e sou muito desrespeitado
A tristeza e a alegria aqui caminham lado a lado
[...]
Diversão hoje em dia, não podemos nem pensar
Pois até lá nos bailes eles vem nos humilhar
Fica lá na praça que era tudo tão normal
Agora virou moda a violência no local*

⁴Cidinho & Doca - Rap da Felicidade (Video Oficial). 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7pD8k2zaLqk>. Acesso em: 11 maio 2024.

*Rap do solitário*⁵ de MC Marcinho, traz uma música no estilo melody e uma letra melancólica que retrata o sofrimento amoroso pessoal, bem como, o pedido de reconciliação do casal.

*Amor, por que você me trata assim?
Apenas quero te fazer feliz
Você não dá mais bola para eu
Eu não vou conseguir mais viver sem ti
[...]
Você não pode ter me esquecido assim
Ainda sinto você aqui dentro de mim
A nossa paixão não é como antes, mas ainda
Mas ainda é forte o bastante
Para querer você comigo
Tendo você estou no paraíso
Eu olho pro céu e vejo as nuvens passando
As estrelas me dizem que eu estou amando*

*Glamurosa*⁶ de MC Marcinho, explicitando a exaltação da beleza feminina e sua imagem destacada dos bailes Funks, tal como, a influência e aderência ao estilo musical pelo Brasil.

*Glamurosa, rainha do funk
Poderosa, olhar de diamante
Nos envolve, nos fascina, agita o salão
Balança gostoso, requebrando até o chão
[...]
Pretinha, moreninha, russa e loirinha
Me deixa doidinho quando dança tremidinha
O funk do meu Rio se espalhou pelo Brasil
Até quem não gostava, quando ouviu não resistiu*

⁵Rap Do Solitário. Compositor: MC Marcinho. 2009. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TwkKp-BBChg>. Acesso em: 11 maio 2024.

⁶MC Marcinho Glamurosa. 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=x4tz18jNMr0>. Acesso em: 11 maio 2024.

*Boladona*⁷ de Tati Quebra Barraco, uma das figuras pioneiras de mulheres no Funk, traz em sua letra a demonstração de se posicionar em frente a um homem e questioná-lo, exaltando seu poder e capacidade de dominância.

Na madrugada boladona

Sentada na esquina

Esperando tu passar

Altas horas da matina

Com o esquema todo armado

Esperando tu chegar

Pra balançar o seu coreto

Pra você de mim lembrar

Sou cachorra, sou gatinha, não adianta se esquivar

Vou soltar a minha fera, eu boto o bicho pra pegar

Sou cachorra, sou gatinha, não adianta se esquivar

Vou soltar a minha fera, eu boto o bicho pra pegar

Hoje o Funk está presente em todos os Estados do país, bem como, se ramificou em diversos subgêneros que permitem agradar diversos gostos, como: proibidão, mandelão, ostentação, trapfunk, bregafunk, pop, submundo, consciente... sendo que neste trabalho o alvo de estudos é o Funk Consciente do Estado de São Paulo.

3.1 O Funk no Estado de São Paulo

No Estado de São Paulo o Funk tem seu berço na Baixada Santista em espaços periféricos, migrando para a capital e tendo um destaque no bairro da Cidade Tiradentes. Tal território, desenvolveu bailes de Funk nas ruas como modo de diversão e lazer para a população. Todavia, festas essas que também eram caracterizadas pela represália da polícia de forma violenta. Com o tempo, novos MCs foram surgindo no cenário como MC Nego Blue e MC Dedê, cantando desde Funks com ideias reflexivas sobre a realidade, putaria e proibidão. Entretanto, devido às letras das músicas, o estilo não permeava para outros territórios, com isso, surge a possibilidade de desenvolver o subgênero ostentação (retratando a respeito de portar marcas de luxos em roupas, tênis, carros, motos e joias).

⁷Tati Quebra Barraco - Boladona. 2012. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=USO_Dfu-6Yg. Acesso em: 11 maio 2024.

Para ser aceito fora da quebrada, o funk passa então a ser mais “lapidado” e “comportado”. Embarcando na onda de não cantar mais o proibidão e o putaria, emerge em São Paulo o funk ostentação. Nessa linha, e com claras intenções mercadológicas de fazer uma música mais aceita, a música Bonde da Juju118, do Mc BioG3 foi provavelmente uma das primeiras que focaram exclusivamente na exaltação da riqueza, dos carros importados e de artigos de luxo. Essa prática já era comum e ficou mundialmente conhecida por rappers norte-americanos, como o 50 Cent, que se apresentavam e gravavam vídeo clipes carregando pesados medalhões de ouro e andando em carros luxuosos. No Brasil essa prática mantém algumas semelhanças e diversas diferenças em relação a essa prática norteamericana (Pedro, 2015, p. 73).

O Funk ostentação cresceu em São Paulo a partir do ano de 2010, abrindo espaços para nomes como Mc Boy do Charme que se fez muito presente com a música *Megane*. Que assim como várias outras letras de Funk ostentação, retrata o desejo de poder possuir bens materiais, almejando um estilo de vida que naquele momento, não era acessível. Ou como algumas vezes, retratam como se estivessem acessando e usufruindo de toda uma vida que o dinheiro pode fornecer. Pedro (2015) retrata que a existência e ascensão do funk ostentação gera incômodo nas classes dominantes, pois essas letras apresentam que o acesso a alguns espaços, bens materiais não estão mais restritos a apenas um nicho.

Em *É o Fluxo*⁸ de MC Nego Blue retrata uma realidade de possuir carros, motos e bens materiais que naquele recorte histórico, apenas pessoas da classe alta e acima, conseguem alcançar.

Na garagem um Camaro, uma Hornet

Cordão de Ouro, Armani e Juliet

A fragrância do Ferrari Black

É que hoje à noite promete

Na letra de *Sou Patrão não Funcionário*⁹ de MC Menor do Chapa, o cantor também expõe o acesso à carros de luxo na época, bem como, estar ao lado de mulheres que estavam dentro do padrão de beleza imposto pela sociedade, somado ao fator de usufruir substâncias alcoólicas de alto valor econômico.

A nossa roupa é da Ed Hardy, Rio Local ou da Armani

O bonde tem um Audi um Veloster e um Megane

Eu tô portando a Captiva com som de duzentos mil

Estilo panicat me deu mole quando viu

⁸MC Nego Blue - *É o Fluxo* (Clipe Oficial - KondZilla). 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fzGf061Envk>. Acesso em: 11 maio 2024.

⁹MC Menor do Chapa - *Sou Patrão Não Funcionário*. 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uIOI0HYeR6k>. Acesso em: 11 maio 2024.

*Elas tão doida, tão louca
Olhas só como elas curte
Uísque, Big Apple, Red Bull e Absolut*

MC Rodolfinho apresenta em *Como é bom ser Vida Loka*¹⁰, o poder que o dinheiro fornece, bem como, a capacidade de comprar até mesmo o corpo feminino. O ostentar as mais belas mulheres.

*Saca o malote, joga na mesa,
Que diferença que faz uma grana,
Tá ligado, aí balconista,
Quanto que custa você na minha cama.*

3.2 O Funk Consciente

Partindo ao Funk Consciente, é possível afirmar que seria aquele que faz reflexões sobre a realidade, denúncias ao sistema político e ao sistema capitalista (Araújo, 2018). Tais reflexões se apresentam de maneira crítica, em um modo de se comunicar com um linguajar que há identificação, compreensão e reconhecimento por parte de seus ouvintes.

O Funk Consciente sempre esteve presente na trajetória do estilo, bem como, traz em suas composições a junção de demais subgêneros e proximidade com outros estilos musicais, como o rap. Tal proximidade se dá exatamente pelo fato que as letras retratam a realidade, com o objetivo de expor para a população ouvinte (sendo eles também os personagens das músicas) a reflexão sobre acontecimentos no cotidiano, bem como, potencializá-la para a mudança.

Sua radicalidade e seu senso de “missão” (afinal, “rap é compromisso”, já dizia Sabotage) ajudaram a desenvolver um espaço discursivo em que os cidadãos periféricos puderam se apropriar de sua própria imagem, construindo para si uma voz que, no limite, mudaria a forma de enxergar e vivenciar a pobreza no Brasil. [...] Como afirma a psicanalista Maria Rita Kehl, os Racionais falam de igual para igual com os seus manos, mas contra os playboys e o Estado. Seu foco está na construção de uma fraternidade de iguais no interior de uma comunidade periférica que se afirma contra um projeto de nação que a deseja exterminar (Oliveira, 2018, p. 12).

Hoje, não apenas no Estado de São Paulo, mas em todo o Brasil, visualizamos um crescente de MCs que tem se aprofundado no subgênero, ganhando espaço na indústria fonográfica, bem como, um número expressivo de ouvintes. Na qual é possível visualizar as

¹⁰MC Rodolfinho - Como é Bom Ser Vida Loka (Videoclipe Oficial). 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=p0oFWgwUqHU>. Acesso em: 11 maio 2024.

músicas *Let's Go 4*¹¹, *Set Dj Boy 3.0*¹² e *Giro dos Artistas 3*¹³, presentes na playlist O Melhor de Funk Hits 2023, da plataforma Spotify.

Cantores como MC Hariel, MC Neguinho do Kaxeta, MC Davi, MC Ryan SP, MC Marks, MC Paulin da Capital... são alguns dos nomes que se destacam frente a essa nova onda do estilo. Sendo importante pontuar que vários artistas (cantores e DJs) têm se unido para produzir músicas nesse estilo, criando famosos SETs (uma batida de longa duração em que diversos cantores cantam cada um, em um determinado trecho, produzindo então uma música de duração acima de 05 minutos). Neste capítulo, foram selecionados para análise de letra algumas músicas, sendo umas SETs e demais não.

Em *Chá de Vida*¹⁴ escrita pelos MCs Hariel e Marks, é exposto sobre a exaustão do trabalhador em relação à exploração. Exploração essa que é gestada pelos órgãos de poder, fazendo com que se mantenha o pobre na pobreza, retirando sua expectativa na vida e o violentando dentro de seu próprio território. A letra demonstra o domínio de consciência que os cantores possuem, principalmente pelo fator de buscar inspiração em uma realidade que foi vivenciada no cotidiano.

É que o sistema é corrompido, inverte os lado'
Quanto convém manter o pobre, mais pobre, isolado?
Viver servindo à burguesia, ao escravo do Estado
Que faz lavagem na mente de mais um favelado
[...]
Não é na favela que fabrica as droga'
Não é na favela que produz as arma'
Mas é na favela que o sangue inocente jorra
E a vida do pobre escorre como fosse nada

Já em *Renasci das Cinzas*¹⁵ dos MCs Daniel e Paulin da Capital, os cantores verbalizam sobre como encararam a dificuldade financeira no passado e a contra volta que o Funk possibilitou. Mesmo diante da ausência de uma renda para sobreviver não cederam à

¹¹ LET'S GO 4 - DJ GBR, IG, Ryan SP, PH, Davi, Luki, Don Juan, Kadu, GH do 7, GP, TrapLaudo. 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zG5gWncAhls>. Acesso em: 20 maio 2024.

¹² SET DJ Boy 3.0 - MC's Vine7, Don Juan, Hariel, Tuto, Kako, Joãozinho VT e Marks [Clípe Oficial]. 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CWDZF7aJmjE>. Acesso em: 20 maio 2024.

¹³ GIRO DOS ARTISTAS 3 - MC's Bruninho da Praia, Cebezinho, Paiva, Tuto e Daniel (Oldilla e DJ Oreia). 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dJektHBkdqc>. Acesso em: 20 maio 2024.

¹⁴ MC Marks e MC Hariel - Chá de Vida - DJ Perera. 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6j0hKlgNuV8>. Acesso em: 11 maio 2024.

¹⁵ MC Daniel x Mc Paulin da Capital - Renasci das cinzas - Lyons produções. 2023. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=vx_yOuOjOlQ. Acesso em: 11 maio 2024.

criminalidade, tanto que na analogia bíblica feita, pode-se interpretar que o ‘derrotei gigante’ é retratando a derrota da pobreza e a ascensão às classes mais altas. Essa mudança social é possibilitada através do mundo do Funk.

*E na selva de pedra eu virei Rei Leão
 Não tinha nem os 2 e 30 do busão
 Quem não gosta de nós, tá podre o coração
 Pulei muita catraca e não pulei mansão
 [...]
 Eu vim como Davi e derrotei gigante
 Fiz o meu império, obrigado funk
 Pilhas e pilhas de Jordan na minha estante
 Gira que vira a vida roda-gigante*

Uma música que fez e ainda faz muito sucesso é *Ilusão (Cracolândia)*¹⁶, escrita por Alok, Salvador da Rima e os MCs Davi, Hariel e Ryan SP. Como o próprio nome já retrata, a letra é a respeito de como o uso de substâncias psicoativas (SPA) pode transformar drasticamente a vida de uma pessoa, destruindo o próprio ser, futuros e famílias. Os intérpretes expõem ter vivenciado amigos que se perderam por conta do uso de SPA, descrevem consequências e o impacto em torno do ciclo daquela pessoa, buscam como objetivo conscientizar seus iguais, crianças e adolescentes para não irem pelo mesmo caminho. Válido destacar que pontuam sobre a participação da instituição polícia militar na venda do uso de SPA, quando falam “Viciou no da tenente”.

O MP-SP (Ministério Público do Estado de São Paulo) se manifestou ontem contrário ao pedido de revogação da prisão preventiva do soldado da Polícia Militar Geovany Jorge Alves da Silva Júnior, 37, investigado por suspeita de tráfico de drogas na "cracolândia", região central de São Paulo (Jozino, 2023).

*Era o mais brabo, chapa quente
 Viciou no da tenente
 Agora é dependente de droga
 Molecada, pensa lá na frente
 Antes de ser inconsequente
 De ir na ideia dos outros pra usar*

E eu

¹⁶ILUSÃO "CRACOLÂNDIA" - Alok, MC Hariel, MC Davi, MC Ryan SP, Salvador da Rima e Djay W (GR6 Explode). 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5LqeD-m7Ih0>. Acesso em: 11 maio 2024.

*Vou passar a visão pros meus
 Não precisa morrer pra falar com Deus
 [...]
 E lembra daquele parceiro
 Que era atacante na quadra e com a mina?
 Sempre avançado no tempo, pelo linguajar e pela picadilha
 Dançava um break com nós sabadão
 Quando tinha escola da família
 Tá desandado no óleo e de bom exemplo virou parasita
 Que o beck enrolou e a brisa bateu na mente injuriada*

Nas letras expostas acima, foi possível compreender que todas partem de um processo crítico de pensamento. O ato de buscar na vivência do cotidiano inspiração para cantar, retratando as vulnerabilidades, violências, desafios, sonhos e conquistas aproxima o diálogo com o ouvinte, permitindo que a identificação com o outro instigue a criticidade do pensamento. Sendo favorável o pontapé para esse movimento, pode-se visualizar discussões em torno do território onde se vive, relatando que o espaço não deve determinar o seu futuro, bem como, definir quem que você deverá ser.

Pois, como é amplamente conhecido, pessoas que residem em periferias e favelas são vistas com olhares de preconceito e estigma, tal como suas produções (como o Funk). Compreender a potencialidade do Funk, não apenas como música e sim como um movimento que é capaz de unir milhares de pessoas é um ponto chave dessa pesquisa que veremos à frente.

3.3 O Funk como manifestação cultural e a possibilidade de um caminho de mudança

Se observarmos que uma manifestação cultural é produto do nascimento de novos meios de se relacionar a partir de criações de arte, expressões, alinhando pensamentos e identidades, compreendemos que o Funk é e se reafirma como uma. Sendo ainda fundamentada e protegida pela Constituição Federal de 1988.

Art. 216. Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

- I.- as formas de expressão;
- II.- os modos de criar, fazer e viver;

III.- as criações científicas, artísticas e tecnológicas; (Brasil, 2024)

Quando temos o reconhecimento de uma manifestação que não parte da elite e burguesia, conseqüentemente, podemos observar a criminalização dela. Assim como foi retratado no histórico do Funk, o gênero sempre vivenciou a perseguição e hostilização do estilo. Tal acontecimento ocorre pelo fato de ele ter capacidade crítica de retratar as expressões da questão social ali vivenciadas, bem como, ser um meio alternativo de mudança financeira e escapatória da miséria, pobreza e criminalidade.

Em uma análise realizada por Marilena Chauí sobre o significado de nacional-popular de Gramsci, a autora discorre a respeito do significado de nacional e popular no âmbito da cultura.

Na perspectiva gramsciana, o popular na cultura significa, portanto, a transfiguração expressiva de realidades vividas, conhecidas, reconhecíveis e identificáveis, cuja interpretação pelo intelectual, pelo artista e pelo povo coincidem. Essa transfiguração pode ser realizada tanto pelos intelectuais “que se identificam com o povo” como por aqueles que saem do próprio povo, na qualidade de seus intelectuais orgânicos. Nacional pelo resgate de uma tradição não trabalhada ou manipulada pela classe dominante, popular pela expressão da consciência e dos sentimentos populares, feita seja por aqueles que se identificam com o povo, seja por aqueles saídos organicamente do próprio povo (Chauí, p. 25-26).

Logo, podemos compreender que o Funk parte daqueles que saem do próprio povo (classe trabalhadora), desenvolvendo e criando algo que não é manipulado pela classe dominante. Perceber que o povo apresenta domínio de uma arte que foge do consumo alienador, toma um espaço e tempo para desfrutar de um momento de lazer e não apenas viver em função de um trabalho, apresenta um risco para a perpetuação da dominância de uma classe para a outra. Esse fato se torna tão incômodo para a classe dominante, que visualizamos a repressão do movimento acontecer através dos canais midiáticos e da instituição de poder, como o caso do assassinato de 09 adolescentes e jovens no Baile da DZ7, em Paraisópolis no ano de 2019.

Com o cerco dos policiais armados e os primeiros disparos de bombas e balas de borracha [...] As vítimas, com idades entre 14 e 23 anos, já chegaram sem vida ao hospital. A causa da morte de oito pessoas: asfixia (quando os pulmões não conseguem realizar os movimentos de expansão e retração necessários à respiração) [...] Ao todo, 31 policiais foram investigados pelas mortes daquela madrugada, mas só 12 deles tornaram-se réus no processo. Eles respondem em liberdade. Procurada, a PM não informou que atividades exercem os 12 réus na corporação atualmente... (Dacau, 2022).

Na Aula Pública com MC Hariel, “Alma Imortal: a filosofia do funk” - Festival Internacional Hip Hop 50, o MC fala a respeito do Funk o ter instigado a estudar e buscar embasamento para o conhecimento já adquirido do cotidiano. Retrata também a respeito da

questão educativa para com crianças/adolescentes, demonstrando a importância de repassar um conteúdo que agregue na formação.

Para mim é um momento especial, é a primeira vez que eu to entrando numa faculdade na minha vida, nunca tinha pisado em nenhum ambiente de ensino superior [...] Alma Imortal que foi um bagulho que me puxou a estudar tá ligado rapaziada, que fazia tempo como eu falei para vocês que eu não puxava para esse lado de estudar, procurar saber o que eu to falando tá ligado? Sempre por esse lado da vivência da rua, o estudo mais humanitário assim nas pessoas, olhar no olho do que o meu parceiro tá sentindo, escutar uma história que o meu parceiro tem para dizer [...] Para esse aí é diferente (Alma Imortal), para esse daí já puxei mais umas teses, já puxei na internet mesmo, referente à filosofia, referente a coisas que eu vejo que falta na nossa geração, na nossa sociedade que eu quero também ter na minha arte, tá ligado? Então acho que surgiu disso, dessa vontade assim de fazer uma coisa diferente, mais estruturada dessa vez e contar com esses elementos, que é muito importante para a sociedade para a evolução tá ligado? Para os nossos questionamentos, quanto nós vimos de baixo que a gente tem muitos questionamentos, muitas vezes ninguém para explicar para a gente o porquê a gente tá se perguntando se a gente é mesmo capaz, se a gente consegue mesmo aquilo tá ligado? [...] O funk tem uma importância de se fundir com a filosofia, por que parça, o funk vai aonde ninguém vai, tá ligado? Aquele aluno mais bagunceiro da sala provavelmente ele tem dificuldade para escutar o professor, mas ele tem facilidade para escutar o MC... (Hariel, 54:11 - 58:28 / 1:01:09 - 01:01:23).

A fala de Hariel se relaciona com a de Bruno Ramos, quando forneceu uma entrevista ao Uol a respeito do Funk. A capacidade que o movimento tem de reunir milhares de pessoas, promover socialização, resistência, é um meio de enfrentar a subalternização da sociedade em que se vive.

Se juntarmos todas as pessoas do movimento atualmente, temos quase seis vezes a população de um país do tamanho do Uruguai, que é de 3,5 milhões de pessoas. Estar como articulador nacional desta cultura e pensar políticas públicas é um desafio de chefe de estado, para criar alternativas para as periferias. Não há, no país, nada que consiga dialogar tanto com a nossa juventude quanto o funk. O poder público não consegue, a escola não consegue, mas o movimento é uma ferramenta de articulação, educação e diálogo (Ramos, 2021, apud, Balbino, 2021).

Observando a partir da visão econômica, cantores, produtores, djs... conseguem ascender socialmente no sentido de passar a obter condições financeiras e adquirir bens materiais, acessando uma vida com maior qualidade. E ao adquirir essa condição, não a mantém apenas para si próprio, mas leva consigo sua família, amigos e comunidade. O ideário de ascender com eles aqueles que estiveram presentes durante a trajetória, proporcionando uma possível mudança geracional.

Falando em dinheiro, o que ganhou com o funk permitiu que Hariel proporcionasse uma vida melhor pra família. “A primeira caixa d’água, o primeiro carro, a primeira casa que comprei e dei pra minha mãe. Foi tudo muito mágico”, conta ele. Antes da fama, o funkeiro chegou a trabalhar entregando pizza e vendendo cartões (Gomes, 2023).

Também comprei uma casa pras minhas duas irmãs. Foram coisas fora do normal. Quando eu era menor, lembro que um carro custava umas 38 parcelas de R\$ 600.

Pensava que nunca teria um carro. Ganhava pouco e ainda precisava ajudar em casa, relembra (Haniel, 2023, apud, Gomes, 2023).

Portanto, concluímos que o Funk é uma manifestação cultural que possui potência para dialogar com a sociedade e instigar seu público a refletir sobre a realidade na qual se está inserido. Bem como, para o jovem periférico e pobre que está entreposto em âmbitos que por vezes são de alto índice de violência, é uma alternativa para acessar a mudança no contexto social colocado. Quebrando barreiras impostas por uma burguesia que a todo custo realiza a manutenção de um sistema para que essa população tenha suas potencialidades reprimidas e extintas.

4. O FUNK CONSCIENTE, SUA CAPACIDADE POLÍTICA E O SERVIÇO SOCIAL

A escolha do tema como objeto de estudo nesta pesquisa surge a partir da maleabilidade que o gênero musical Funk possui tanto em ser consumido em momentos de puro prazer, lazer e ócio, quanto apresenta o potencial de se ramificar em diversos subgêneros. Como o consciente, que carrega em suas letras a potencialidade crítica e política. O que se soma a maestria de dialogar sem dificuldade com seu público alvo, a população periférica.

Além do mais, o Funk surge e se emaranha na cultura do brasileiro pobre, periférico e em sua maioria negro. Logo, é produto que foi gerado e é consumido pela comunidade, tal como o rap, hiphop, samba... O estilo traz em suas letras as vivências do cotidiano nesses espaços, refletindo desde a violência policial, tráfico de drogas, uso de substâncias psicoativas, racismo e demais tipos de violências... até o afeto, amor, prazer, diversão, lazer. Portanto, demonstra que essa população possui tamanha potencialidade para seguir desenvolvendo meios de resistência frente a exploração do cotidiano e a consolidar ainda mais a implementação de uma cultura popular.

Entende-se que a cultura faz parte de uma construção social, estando inserida em uma sociedade que é composta por diversos marcadores. Ao mesmo tempo, a cultura do Funk desenvolve um papel fundamental pois traz à tona as demandas desses grupos. Logo, na periferia o Funk responde a essas demandas. Com isso, ao compreender que o Serviço Social é uma profissão que pelo seu código de ética destaca a defesa intransigente dos direitos, automaticamente tem de se trabalhar para que essa luta seja fortalecida em relação ao Funk.

Portanto, essa pesquisa teve como metodologia a abordagem qualitativa, objetivando compreender a capacidade crítica e potencializadora que o subgênero Funk consciente tem sobre sua população ouvinte.

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (Minayo, 2001, p. 21-22).

Através do caráter de análise documental (entrevistas, letras de músicas e pesquisa bibliográfica), objetiva relacionar o impacto que a apropriação do conhecimento sobre a cultura do funk gera na atuação do profissional de Serviço Social.

[...] acreditamos que a pesquisa documental representa uma forma que pode se revestir de um caráter inovador, trazendo contribuições importantes no estudo de alguns temas. Além disso, os documentos normalmente são considerados importantes fontes de dados para outros tipos de estudos qualitativos, merecendo portanto atenção especial (Godoy, 1995, p. 21).

Para o desenvolvimento da pesquisa foram utilizadas as músicas *Hit do Ano – Peso da Luta*¹⁷ e *Hit do Ano – Peso do Voto*¹⁸, sendo essas escritas nos anos de 2021 e 2022 respectivamente, em um contexto de polaridade política e extremos conflitos no país.

Na canção *Hit do Ano – Peso da Luta* temos diversos cantores que retratam em seus versos as dificuldades vivenciadas nas periferias e comunidades em que nasceram. Bem como, suas revoltas frente às violências sofridas e o descaso por parte do governo. Relatam ainda, as conquistas que obtiveram a partir das oportunidades que surgiram através da carreira artística.

Já em na música *Hit do Ano – Peso do Voto* é apresentado no mesmo modelo composto por várias músicas, sendo o foco das letras a conscientização frente à importância do voto no ano político de 2022. Retratando os fatos que ocorreram durante os anos de 2018 a 2022, questionando-os e conscientizando frente a capacidade de mudança a partir do saber votar. Sempre focalizando na melhoria do próprio povo, demonstrando a reflexão da melhora no coletivo.

O estudo dessas músicas permite compreender as estratégias de resistência cultural e a construção de uma identidade coletiva que se opõe à exclusão sistemática promovida pelo capitalismo.

Para executar as análises foram elaborados três quadros divididos pelos seguintes temas: Retratando o Racismo; Críticas ao sistema vivido e o Funk como meio de mudança. Sendo que em cada quadro temos versos pertinentes às discussões nas respectivas colunas de suas músicas.

¹⁷ HIT DO ANO - O Peso da Luta (GR6 Explode) Perera DJ, DJ Pedro, Djay W, DJ Murillo e LTnoBeat. GR6 Explode, 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=b7_aAOzDaSY. Acesso em: 9 set. 2024.

¹⁸ HIT DO ANO - O Peso do Voto (GR6 Explode) Perera DJ. GR6 Explode, 2022. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=2VL_c7OWHrs. Acesso em: 9 set. 2024.

Quadro 1. Retratando o racismo

Hit do Ano – Peso da Luta ¹⁹	Hit do Ano – Peso do Voto ²⁰
<i>O crime tentou seduzir, porém não conseguiu</i> <i>Tomei enquadrados abusivos por causa da cor</i> <i>[...]</i> <i>Eles falou que preto e dinheiro não combinava</i> <i>Eu vou provar o contrário nas minhas palavra'</i> <i>O que o preto não combina é com a madrugada</i> <i>Porque se os polícia' pega é a mema' palhaçada</i> <i>[...]</i> <i>Olha, o tormento é um tapa na cara</i> <i>Poucas ideia', vergonha pra mídia</i> <i>Tem que colocar fê pros favelado vencer</i> <i>Povo preto no poder, 'cê entende minha brisa</i>	<i>Se gritar: Pega ladrão</i> <i>Lá em Brasília fica moiadão</i> <i>Mas acho que não, moiado é pros preto</i> <i>Na madrugada louca, se vê camburão</i> <i>[...]</i> <i>E só quem sofre é os preto, é os pobre, é os</i> <i>nordestino</i> <i>Enquanto os rico continua rindo enquanto o povo tá</i> <i>fudido</i> <i>[...]</i> <i>A tia sentiu a dor quando perdeu o filho Lucas</i> <i>Que pela sua cor foi atingindo na nuca</i>

Fonte: Autoria própria (2024)

As estrofes retratadas acima discorrem sobre a violência existente no território a partir dos marcadores sociais de raça e classe. As letras trazem consigo críticas referente ao racismo vivenciado que se apresenta por exemplo no abuso do poder exercido pela instituição policial. As falas demonstram que tal violência não é algo pontual ou que acontece em um momento ou outro, pelo contrário, se apresenta de forma cotidiana e persistente para com a população negra.

Em 2022, a vitimização de pessoas negras – soma de pretos e pardos – em registros de homicídios correspondeu a 76,5% do total de homicídios registrados no país. Totalizando 35.531 vítimas [...] o que corresponde à taxa de 29,7 homicídios para cada 100 mil habitantes desse grupo populacional [...] Em relação às pessoas não negras – isto é: brancas, indígenas e amarelas – a taxa de homicídio em 2022 era de 10,8, com 10.209 homicídios em números absolutos [...] Ou seja, proporcionalmente às respectivas populações, em média, para cada pessoa não negra assassinada no Brasil, 2,8 negros são mortos. Esse cenário de grande discrepância no perfil racial de pessoas vítimas de violência, infelizmente, não é novidade no contexto brasileiro (Cerqueira; Bueno, 2024, p. 52).

Fato esse que se mostrou evidente no *Relatório Sobre Justiça Racial na Aplicação da Lei*.²¹ Elaborado pelo Mecanismo Internacional de Especialistas Independentes para o Avanço da Igualdade e Justiça Racial na Aplicação da Lei, quando realizou sua visita ao Brasil do dia 27 de novembro a 8 de dezembro de 2023. Sendo concluído que

1. As pessoas afrodescendentes continuam enfrentando o racismo sistêmico no Brasil, como legado da escravidão e do comércio transatlântico de pessoas

¹⁹ HIT DO ANO - O Peso da Luta (GR6 Explode) Perera DJ, DJ Pedro, Djay W, DJ Murillo e LTnoBeat. GR6 Explode, 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=b7_aAOzDaSY. Acesso em: 9 set. 2024.

²⁰ HIT DO ANO - O Peso do Voto (GR6 Explode) Perera DJ. GR6 Explode, 2022. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=2VL_c7OWHrs. Acesso em: 9 set. 2024.

²¹ NAÇÕES UNIDAS. Brasil: Relatório sobre Justiça Racial na Aplicação da Lei. Brasil, 1 out. 2024. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/280159-brasil-relat%C3%B3rio-sobre-justi%C3%A7a-racial-na-aplica%C3%A7%C3%A3o-da-lei>. Acesso em: 16 out. 2024.

- africanas escravizadas, afetando o gozo dos direitos humanos em todas as partes de sua vida.
2. O racismo sistêmico generalizado está profundamente enraizado nas políticas e práticas atuais, que perpetuam as disparidades raciais na educação, saúde, habitação, emprego e outras áreas. Essa discriminação arraigada existe na polícia e no sistema de justiça criminal, onde preconceito racial, perfilamento racial e estereótipos raciais influenciam a ação e a inação do Estado.
 3. O uso excessivo da força que leva a milhares de mortes todos os anos e o encarceramento excessivo, que afetam desproporcionalmente as pessoas afrodescendentes, são uma consequência do racismo sistêmico que, combinado com as atuais políticas de “guerra ao crime”, resulta em um processo de limpeza social que serve para exterminar setores da sociedade considerados indesejáveis, perigosos e criminosos. Esta é uma questão sistêmica generalizada que exige uma resposta sistêmica e abrangente (Nações Unidas, 2024).

Entretanto, ao mesmo tempo que o Funk apresenta uma exaustão frente a repressão vivida, traz esperança na visão de um cenário onde a pessoa negra e pobre não seja mais violentada, torturada e morta. Mas sim, atuando em uma posição de protagonista que irá lhe permitir ampliar sua capacidade de poder, tomando seu espaço como cidadão.

Quadro 2. Críticas ao sistema vivido (Continua)

Hit do Ano – Peso da Luta ²²	Hit do Ano – Peso do Voto ²³
[...] Acostumado com um gosto de uma vida amarga Uma harmonia nova a toda bomba que estoura E pro governo que não ajuda e, ao contrário, atrasa Não tem lazer, não tem cultura e nem um hospital da hora A gente cresce sendo alvo de opressão e raiva A gente trampa pra caraio em troca de esmola A gente só ganha atenção quando é na tela do Datena No palco cantando funk ou jogando bola [...] O menino 'tava no problema Inimigo, ódio do sistema Jogado à margem do mundo E pra mídia gerou mais um assunto Enquanto uns conta', outros rala' pra ter o que comer Enquanto uns curte', outros luta' pra sobreviver Ele só quer se jogar daqui, viver mais feliz [...]	É que cês pedem propina, aumenta gasolina Governador num avião cheio de cocaína A maldade domina, chacina nas esquina Cuidado com a tal da bala perdida Pátria amada, e eles nem te amam tanto assim Só querem festa, conversa, não vão me iludir, yeah [...] Vejo que sempre foi dois pesos e duas medidas Se o Seu João, no momento de desespero Furtasse um litro de leite pra alimentar seus filhos Ou se um político, por avareza e ego Tirasse milhões da gente, quem seria o tal detido? Algema sempre canta pro lado mais fraco A minha luta é contra o sistema opressor Bandido bom é vivo e regenerado Atira a pedra aquele que nunca pecou Mas se de quatro em quatro anos nós vendemos nossos votos Estaremos igualado a essa porcada Agora sim, juntos marchamos, todos rumo ao Planalto Unidos acabaremos com essa palhaçada Temos força necessária, porém, não usamos Vivemos de idolatria, entre si brigamos Iremos viver de migalhas, me diz até quando

Fonte: Autoria própria (2024)

²² HIT DO ANO - O Peso da Luta (GR6 Explode) Perera DJ, DJ Pedro, Djay W, DJ Murillo e LTnoBeat. GR6 Explode, 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=b7_aAOzDaSY. Acesso em: 9 set. 2024

²³ HIT DO ANO - O Peso do Voto (GR6 Explode) Perera DJ. GR6 Explode, 2022. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=2VL_c7OWHrs. Acesso em: 9 set. 2024.

Quadro 2. Críticas ao sistema vivido (Continuação)

Hit do Ano – Peso da Luta ²⁴	Hit do Ano – Peso do Voto ²⁵
Que o sentimento frio e a barriga vazia Se transforme em mesa farta a quem sonhou um dia Correr lá no parque e não da viatura Gritar bem mais alto "não à Ditadura" Agora 'cês pode vir me prender Eu sei que dei motivo pra vocês [...] Lixo é esse sistema que é feito de pilantra Só de pensar no governo, o ódio me dá tédio Eles exige' que você grite só pra ter dor de garganta E depois ele quer te vender o remédio [...] Bagulho é louco, os cara' que 'tão lá de frente Não liga pra gente, raça do caralho [...] Se eles não faz, nós faz Juntos somos capaz' [...] A playboyzada quer ver o gueto se destruir Tu ainda não se ligou que isso é uma cilada? Nóis estamos no memo mar, mas não no memo barco Os filha da puta 'tão de iate, nós barca furada E se o mar ficar revolto, é nós que afunda E muitas vezes nós tem culpa nessa palhaçada Não vende voto, é você que aperta a urna E nada muda na cúpula e também lá na quebrada	Enquanto isso os governantes seguem engordando [...] Mas se um dia eu vejo no noticiário Milhares de milhões indo pra conta de otário Que tira da mesa de um pai de família Gerando miséria e a carnificina Mas ele não vive essa realidade E a pura verdade é que eles não liga [...] Diferença grita, enfurece A mente do moleque que desde pivete se pergunta Olha lá Por que que só o meus é tirado de suspeito Se vem lá do governo exemplo de roubar? [...] Quando a política servir sem pensar no vintém Acho que assim um favelado até pensa em crescer Democracia for a favor de fazer o bem Talvez o meu futuro filho até pode vencer [...] A paz que cê procura mora logo ali Distante da favela, é dois busão pra ir Fartura, regalia, vida mansa é foda Lá não falta estrutura e nem roupa da moda Mas a realidade desse lado da cidade A cada dia que passa Uns vai entrando pro corre, uns vai morto Outros se encontra privado Mas a pura maldade [...] Faça suas escolhas, não jogue fora O voto é seu, depende de você [...] É só pensar no que você tem pra comer Emprego pra coroa, onde vai ter? Os hospitais lotado, quem vai te atender? A escola uma merda, quem vai fazer valer? Qual chance de ganhar? Qual o risco de perder? Faça por você [...] Denuncia as patifaria que ele faz com o povo meu Que a lágrima de uma mãe de um gueto nunca te comoveu Pro sonho dos menor vocês tá pouco se fudendo, eu memo fui mais um Que provei desses seus veneno e hoje tá suave e inteiro Devo nada pra vocês Se brotar na favela pedir voto, cês vai ver De quatro em quatro ano essa corja sempre aparece

Fonte: Autoria própria (2024)

²⁴ HIT DO ANO - O Peso da Luta (GR6 Explode) Perera DJ, DJ Pedro, Djay W, DJ Murillo e LTnoBeat. GR6 Explode, 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=b7_aAOzDaSY. Acesso em: 9 set. 2024

²⁵ HIT DO ANO - O Peso do Voto (GR6 Explode) Perera DJ. GR6 Explode, 2022. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=2VL_c7OWHrs. Acesso em: 9 set. 2024.

Quadro 2. Críticas ao sistema vivido (Conclusão)

Hit do Ano – Peso da Luta ²⁶	Hit do Ano – Peso do Voto ²⁷
	<i>O último que veio nós fez voltar de ré, esquece Não vem metendo o louco que cês faz porra nenhuma Quer enganar com cesta básica e promover candidatura</i>

Fonte: Autoria própria (2024)

Como segundo tópico de discussão, apresenta-se a crítica ao sistema vivenciado. Nas letras analisadas, observa-se uma clara representação do marcador social de diferença de classe. Os cantores expõem um cotidiano marcado pela ausência de estruturas públicas, como escolas e hospitais, somada à desigualdade no acesso a alimentação de qualidade, trabalho com salário digno e condições que garantam qualidade de vida e direitos de cidadania. São também retratados a concentração de capital, a corrupção nos governos e a repressão policial, compondo uma crítica contundente às condições enfrentadas por essas comunidades.

Todos os dias da semana, a diarista Rosilda Maria de Jesus, de 53 anos, sai da favela de Paraisópolis, a segunda maior da capital paulista, e passa em frente a uma base da Polícia Militar para trabalhar no Morumbi, o bairro nobre vizinho, território que expõe um dos maiores contrastes sociais da cidade. Ela não sabia que percorrer o trajeto, algo corriqueiro, tornaria-se um martírio. Desde que o filho foi morto pela polícia, no último dia 22, diz não conseguir mais encarar os agentes. [...] No domingo anterior à morte, Lucas Assis trabalhou no açougue onde atendia e fazia entregas até por volta das 17h. Chegou em casa, almoçou e disse a Rosilda que sairia para ver futebol com um amigo e retornaria. Não voltou. Segundo o Boletim de Ocorrência, levou cinco tiros — dois no tórax, dois na axila e um na região dorsal (costas) (Ribeiro, 2024).

É fato que as músicas trazem à tona temas que instiguem a população periférica. Escancaram em seus versos que essas pessoas possuem capacidade para realizar uma leitura do meio onde vivem, tal como, sabem apresentar argumentos questionando o porquê de tanta violência, desigualdade, opressão e alienação. Demonstram ainda que a alienação imposta pela classe dominante não está de fato 100% dissipada nestes espaços, pois a resistência vem se instalando pelo meio musical.

Deste modo, no contexto social, a música desempenha um papel fundamental ao fortalecer a identidade coletiva e cultivar um senso de pertencimento em comunidades marginalizadas. Ao dar voz às experiências e lutas de grupos oprimidos, a música viabiliza o empoderamento e a formação de resistência. [...] Por meio da música, é possível engajar as pessoas em questões sociais, incentivando a participação cívica e impulsionando transformações políticas. Assim, artistas e movimentos têm a oportunidade de dar voz aos silenciados, questionar políticas opressivas e pleitear por mudanças sociais (Barbosa; Correa, 2023, p. 63).

²⁶ HIT DO ANO - O Peso da Luta (GR6 Explode) Perera DJ, DJ Pedro, Djay W, DJ Murillo e LTnoBeat. GR6 Explode, 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=b7_aAOzDaSY. Acesso em: 9 set. 2024

²⁷ HIT DO ANO - O Peso do Voto (GR6 Explode) Perera DJ. GR6 Explode, 2022. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=2VL_c7OWHrs. Acesso em: 9 set. 2024.

Quadro 3. O Funk como meio de mudança

Hit do Ano – Peso da Luta ²⁸	Hit do Ano – Peso do Voto ²⁹
<i>Hoje é naverá, roboção e os boot bonito</i> <i>E o bobo 'tá valendo bem pra lá de um barão</i> <i>É clave na dedeira, o pingente com um cifrão</i> <i>[...]</i> <i>E os cordão é desaforo pros cuzão</i> <i>[...]</i> <i>Imaginaram eu trocando tiro com a polícia</i> <i>Imaginaram eu passando no plantão das seis</i> <i>Sorte que o funk veio com tudo na minha vida</i> <i>E hoje o VG 'tá aqui cantando pra vocês</i> <i>Imaginaram eu vendendo droga na lojinha</i> <i>Imaginaram, só que não foi dessa vez</i> <i>Avisa a favela, o funk 'tá mudando vidas</i> <i>E hoje o elenco lança hit pra vocês</i> <i>[...]</i> <i>Eu aprendi muito na vida, quem sabe o MC estoura?</i> <i>'To em outro país de Lamborghini</i> <i>Quem diria, tudo que eu sempre quis</i> <i>Minha mãe é dama e linda e fina</i> <i>E o barraco é uma casa chique</i> <i>Hoje o choro é de felicidade com certeza</i> <i>Quem desmerecia no passado, me humilhava</i> <i>Hoje chora e vê que eu venci na vida</i> <i>E que virei um favelado chique</i> <i>O meu pé no chão vem da minha pobreza</i> <i>Obrigado, meu Deus, a favela venceu</i>	<i>E pra vida mudar</i> <i>Desisti de desistir</i> <i>Vou lutar pra alcançar</i> <i>Aquela esperança</i> <i>Uh, no meu jeito de cantar</i> <i>Olha os tais MC</i> <i>No Natal, na Páscoa, faz sempre a favela sorrir</i> <i>Minha coroa vivendo em Angra</i> <i>E eu roncando lá no Havaí</i> <i>[...]</i> <i>Mas a voz pra mudar o fato é nós bem argumentado</i> <i>E de instrução, bem municado</i>

Fonte: Autoria própria (2024)

Já no terceiro quadro há análise referente à capacidade que o Funk tem em transformar socialmente a vida dos cantores e seus familiares. Os artistas retratam que através da música obtiveram ganhos financeiros que possibilitou ser estendido aos seus familiares e comunidades, demonstrando a ideia do pensar no coletivo e não apenas no individual. Bem como, adentrar no mundo Funk se tornou uma alternativa à população periférica para obter pelo menos um mínimo de qualidade de vida através da arte. Possibilitando também, a fuga da criminalidade como meio de sobrevivência.

Em uma entrevista ao Portal KondZilla, o vídeo *História de Vida do MC Marks - Deus É Por Nós | Céu De Pipa*³⁰, o cantor MC Marks apresenta fatos sobre sua infância e caminhada para o sucesso no Funk.

²⁸ HIT DO ANO - O Peso da Luta (GR6 Explode) Perera DJ, DJ Pedro, Djay W, DJ Murillo e LTnoBeat. GR6 Explode, 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=b7_aAOzDaSY. Acesso em: 9 set. 2024

²⁹ HIT DO ANO - O Peso do Voto (GR6 Explode) Perera DJ. GR6 Explode, 2022. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=2VL_c7OWHrs. Acesso em: 9 set. 2024.

³⁰ PORTAL KONDZILLA (ed.). *História de Vida do MC Marks - Deus É Por Nós | Céu De Pipa (KondZilla.com)*. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ws9dalHJaPE&t=172s>. Acesso em: 28 out. 2024.

Sempre morou, minha mãe e meu irmão. Então ela sempre trabalhou e sustentou nós dois sozinha 'memo'. [...] sempre tive que trabalhar, desde os 14 não podia parar e mesmo assim eu tinha que 'tá' sonhando porque minha vontade era ser funkeiro... [...] a gente tá atrás de acertar uma música né, poder ajudar nossa família. [...] Aconselho a rapaziada a não desistir né, porque nada é fácil pra nós. Nós que 'nasce' na periferia de qualquer cidade do Brasil é difícil 'pra' carai... (MC Marks, 0:21 - 2:49).

Visto as análises percorridas nos três quadros, pode-se chegar a um ponto central de que o subgênero musical Funk Consciente é carregado de críticas, conscientização, resistências e lutas por políticas sociais. Nessa perspectiva essa arte torna-se uma ferramenta para o profissional do Serviço Social se apoderar e atuar junto a essa população. Essa atuação se fundamenta na função intelectual orgânica do assistente social, que se apresenta não só como mediador, mas como criador de uma cultura de resistência ao modelo dominante.

Referenciada em Gramsci, Maciel enfatiza que o assistente social pode se constituir como um "intelectual orgânico", ou seja, alguém que, por meio de sua prática, fortalece a consciência de classe e a organização das comunidades em prol da transformação social (Abreu, 2018).

Fator esse que se soma a função pedagógica do assistente social, na qual é caracterizada pelo trabalho de conscientização de classe, organizações comunitárias e de resistência, fortalecimento de potencialidades e mediações frente a compreensão da sociedade e suas capacidades de transformação. Colaborando para o fomento de uma cultura não dominante pela classe burguesa.

[...] a função pedagógica do assistente social vincula-se à capacitação, mobilização e participação populares, mediante, fundamentalmente, processo de reflexão, identificação de necessidades, formulação de demandas, controle das ações do Estado de forma qualificada, organizada e crítica (Abreu, 2018, p. 254).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da elaboração deste trabalho foi possível compreender a dimensão que o gênero musical Funk possui, demonstrando que o estilo não se resume ao que é perpetuado pelo senso comum. Tal arte traz em sua história características de identidade de uma população, seus modos de se relacionar, os anseios, dificuldades e batalhas vivenciadas.

As letras demonstram ter capacidade de crítica ao sistema econômico e a potencialidade de conscientizar e mobilizar politicamente seus ouvintes sobre temas que estão presentes no cotidiano, como desigualdade, racismo, exclusão social, violências institucionais e resistência. Nessa perspectiva o Funk é a expressão cultural de luta, uma manifestação cultural e política da população que vive nas periferias brasileiras.

Se observarmos alguns versos de *Hit do Ano - Peso da Luta*³¹, podemos realizar algumas breves análises. Como em “[...] *A gente cresce sendo alvo de opressão e raiva / A gente trampa pra caraio em troca de esmola*”, nota-se o reconhecimento a respeito da exploração da mão de obra do trabalhador, consequentemente a criticidade sobre o sistema de produção capitalista, na qual é realizada a manutenção da pobreza e desigualdade. Já no *“Imaginaram eu trocando tiro com a polícia / Imaginaram eu passando no plantão das seis / Sorte que o funk veio com tudo na minha vida / E hoje o VG 'tá aqui cantando pra vocês”*, temos o Funk como meio de transformação da realidade e empoderamento. Bem como, o mesmo favorecer para a quebra de estigma em relação ao povo periférico, visto o trecho desafiar as narrativas preconceituosas que associam os moradores das periferias exclusivamente à criminalidade. Por fim, no verso *“O menino 'tava no problema / Inimigo, ódio do sistema / Jogado à margem do mundo / E pra mídia gerou mais um assunto”*, le-se a crítica sobre como jovens periféricos são constantemente colocados como inimigos da sociedade e a superexploração dessa imagem pela mídia. Visto ser um conteúdo que reitera o senso comum, como colabora a perpetuação da violência e a criminalização do pobre.

Em especial, o Funk Consciente abre um espaço à falas que se demonstra extremamente importantes quando observado na atual conjuntura, visto que enfrenta-se um desmantelamento da educação pública no país com a contrarreforma do novo ensino médio, atingindo no fomento do desenvolvimento do pensamento crítico (afetando essencialmente

³¹ HIT DO ANO - O Peso da Luta (GR6 Explode) Perera DJ, DJ Pedro, Djay W, DJ Murillo e LTnoBeat. GR6 Explode, 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=b7_aAOzDaSY. Acesso em: 9 set. 2024

alunos pobres). Logo, a música e em específico o subgênero aqui estudado, Funk Consciente, adentra como uma ferramenta que transcende seu papel de entretenimento.

A apropriação do Funk Consciente pelo assistente social reflete a convergência entre a potência crítica dessa manifestação cultural e o compromisso Ético Político da Profissão. As músicas constituem uma potência crítica da população, que, no cotidiano enfrenta as desigualdades sociais, a luta por direitos fundamentais, construindo uma manifestação cultural que expressa a voz dos sujeitos, suas demandas e experiências, bem como a produção de conhecimento.

Ao conhecer estas manifestações o profissional pode ampliar o trabalho pedagógico visando o fomento da consciência crítica na luta, mobilizando sua expressão nas instâncias de representações coletivas, com debate político e a reivindicação de direitos. Aí retomamos Freire (1987) com a educação popular que parte do conhecimento, da comunicação e diálogo entre sujeitos, construída a partir da realidade vivida. É nessa dinâmica que ocorre a construção de conhecimento a partir da vivência desses sujeitos.

Por fim, cabe ao profissional do Serviço Social seguir como catalisador de mudanças sociais e fortalecedor de lutas da classe trabalhadora, utilizando-se como meios de aproximação e discussão a arte e cultura produzida pela população. Consequentemente valorizando tais produções e auxiliando no processo de emancipação dos sujeitos sociais, na perspectiva de construção de uma ordem societária que combata as desigualdades, preconceitos, exclusão e violência.

REFERÊNCIAS

ABREU, Marina M. **Serviço social e a organização da cultura: perfis pedagógicos da prática profissional**. São Paulo: Cortez Editora, 2018. E-book. p.254. ISBN 9788524926624. Disponível em: <https://app.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9788524926624/>. Acesso em: 17 out. 2024.

APOLLO. **Subgêneros do funk**. [202?]. Disponível em: https://wikifavelas.com.br/index.php/Subg%C3%AAneros_do_funk. Acesso em: 28 abr. 2024.

ARAÚJO, Nicole Barbosa de. **JUVENTUDE E RESISTÊNCIA: O funk como forma de expressão dos(das) jovens da periferia**. Orientador: Prof.^a Dr.^a Maria Beatriz Costa Abramides. 2018. 106 p. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018.

AULA Pública com MC Hariel, "Alma Imortal: a filosofia do funk" - Festival Internacional Hip Hop 50. 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=h2QbSOZg-9Q>. Acesso em: 18 maio 2024.

BALBINO, Jéssica. Reportagem. **A CULTURA DO FUNK: Criticado e criminalizado, gênero tornou-se maior movimento da juventude periférica brasileira**, 17 mar. 2021. Disponível em: <https://www.uol.com.br/splash/reportagens-especiais/funk-estetica-do-caos/>. Acesso em: 4 maio 2024.

BARBOSA JUNIOR, Elenisio Rodrigues. CORREA, Thiago Pessanha. **Melodias de resistência: a música como voz e força transformadora no Brasil**. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 08, Ed. 12, Vol. 04, pp. 54-72. Dezembro de 2023. ISSN: 2448-0959, Link de acesso: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/arte/melodias-de-resistencia>, DOI: 10.32749/[nucleodoconhecimento.com.br/arte/melodias-de-resistencia](https://www.nucleodoconhecimento.com.br/arte/melodias-de-resistencia). Acesso em 06 nov. 2024.

BONATTO, Bruna Mayara; BRANDALISE, Mary Ângela Teixeira; GOES, Graciele Tozetto; SILVA, Giane Correia. **TEORIA CRÍTICA: FUNDAMENTOS E POSSIBILIDADES PARA PESQUISAS EM AVALIAÇÃO EDUCACIONAL**. Pesquiseduca, [s. l.], ano 17, n. 9, p. 72-90, 2017. Disponível em: <https://periodicos.unisantos.br/pesquiseduca/article/download/574/pdf/1759>. Acesso em: 15 nov. 2024.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL DE 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, 2024. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 11 nov. 2024.

CERQUEIRA, Daniel; BUENO, Samira (coord.). **Atlas da violência 2024**. Brasília: Ipea; FBSP, 2024. Disponível em: <https://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/14031>. Acesso em: 08 nov. 2024.

Cidadania Cultural: O Direito à Cultura / Marilena Chaui – 2. ed. – São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2021.

Cidinho & Doca - Rap da Felicidade (Video Oficial). 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7pD8k2zaLqk>. Acesso em: 11 maio 2024.

CONCEITO.DE. **Rap - O que é, conceito e definição**. 6 nov. 2015. Disponível em: <https://conceito.de/rap>. Acesso em: 15 nov. 2024.

CONSELHO FEDERAL DE SERVIÇO SOCIAL. **30 Anos do Congresso da Virada**. Brasília: 2009. 272 p. ISBN 978-85-99447-06-2. DOI <https://doi.org/10.7476/9788568576953>. Disponível em: <https://www.cfess.org.br/arquivos/CFESS-CongressodaVirada-Site.pdf>. Acesso em: 11 nov. 2024.

COSTA, M. I. S; IANNI, A. M. Z. **Individualização, cidadania e inclusão na sociedade contemporânea: uma análise teórica**. São Bernardo do Campo: UFABC, 2018. ISBN 978-85-68576-95-3. DOI <https://doi.org/10.7476/9788568576953>. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/sysng/pdf/costa-9788568576953.pdf>. Acesso em: 11 nov. 2024.

DACAU, José. Cotidiano. **Massacre de Paraisópolis: os 21 minutos da ação da PM que deixou 9 mortos**, São Paulo, 1 dez. 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2022/12/01/paraisopolis-mortes-baile-funk-dezembro-2019-3-anos-depois-pms-contradicoes.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 18 maio 2024.

DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS (org.). **Significado de Aculturação**. [201?]. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/aculturacao/>. Acesso em: 27 abr. 2024.

ESSINGER, S. **Batidão**. Uma História do Funk. RiodeJaneiro:Record, 2005. GIRO DOS ARTISTAS 3 - MC's Bruninho da Praia, Cebezinho, Paiva, Tuto e Daniel (Oldilla e DJ Oreia). 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dJektHBkdqc>. Acesso em: 20 maio 2024.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. Disponível em: <https://cpers.com.br/wp-content/uploads/2019/10/Pedagogia-do-Oprimido-Paulo-Freire.pdf>. Acesso em: 18 nov. 2024.

GODOY, Arilda Schmidt. PESQUISA QUALITATIVA: TIPOS FUNDAMENTAIS. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, ano 3, v. 35, p. 20-29, 1995. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rae/a/ZX4cTGrqYfVhr7LvVyDBgdb/?format=pdf&lang=pt#:~:text=a%20bordagem%20qualitativa%20oferece%20tr%C3%AAs%20diferentes,de%20caso%20e%20a%20etnografia>. Acesso em: 19 ago. 2024.

GOMES, Tamiris. MC Hariel, um maloqueiro que quer ser melhor: Em entrevista exclusiva para o Visão do Corre, funkeiro manda o papo reto sobre a indústria da música, paternidade e autoestima da quebrada. **Visão do Corre**. 20 dez. 2023. Disponível em: <https://www.uol.com.br/splash/reportagens-especiais/funk-estetica-do-caos/>. Acesso em: 18 maio 2024.

HARIEL, MC. **MC Hariel - Decepção - 1BEAT 1LETRA (Faixa 1)**. GR6 Explode, 16 dez. 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zS6fyT-Jjmo>. Acesso em: 25 nov. 2024.

IAMAMOTO, Marilda Villela; CARVALHO, Raul de. **Relações sociais e serviço social no Brasil**. São Paulo: Cortez, 1982.

IBEIRO, Aline. Agressões, tiros e cegueira: segunda maior favela de São Paulo vive escalada de violência policial: Depois das operações na Baixada Santista, marcadas pela alta letalidade da PM, moradores de Paraisópolis alegam abusos em meio a nova ação policial. **O Globo**, São Paulo, 18 ago. 2024. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/noticia/2024/08/18/agressoes-tiros-e-cegueira-segunda-maior-favela-de-sao-paulo-vive-escalada-de-violencia-policial.ghtml>. Acesso em: 16 out. 2024.

ILUSÃO "CRACOLÂNDIA" - Alok, MC Hariel, MC Davi, MC Ryan SP, Salvador da Rima e Djay W (GR6 Explode). 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5LqeD-m7Iho>. Acesso em: 11 maio 2024.

JOZINO, Josmar. Reportagem. **Soldado da PM, motorista de coronel, vendia drogas na 'cracolândia', diz MP**, 22 set. 2023. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/josmar-jozino/2023/09/22/soldado-da-pm-motorista-de-coronel--vencia-droga-na-cracolandia-diz-mp.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 18 maio 2024.

JÚNIOR, Hermano Paes Vianna. **O Baile Funk Carioca: Festas e Estilos de Vida Metropolitanos**. 1987. 150 p. Dissertação (Pós-Graduação em Antropologia Social) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1987.

LET'S GO 4 - DJ GBR, IG, Ryan SP, PH, Davi, Luki, Don Juan, Kadu ,GH do 7, GP, TrapLaudo. 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zG5gWncAhls>. Acesso em: 20 maio 2024.

MC Daniel x Mc Paulin da Capital - Renasci das cinzas - Lyons produções. 2023. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=yx_yOuOjOI0. Acesso em: 11 maio 2024.

MC Marcinho Glamurosa. 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=x4tz18jNMr0>. Acesso em: 11 maio 2024.

MC Marks e MC Hariel - Chá de Vida - DJ Perera. 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6j0hKlgNuV8>. Acesso em: 11 maio 2024.

MC Menor do Chapa - Sou Patrao Nao Funcionario. 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uIOI0HYeR6k>. Acesso em: 11 maio 2024.

MC Nego Blue - É o Fluxo (Clípe Oficial - KondZilla). 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fzGf061Envk>. Acesso em: 11 maio 2024.

MC Rodolfinho - Como é Bom Ser Vida Loka (Videoclipe Oficial). 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=p0oFWgwUqHU>. Acesso em: 11 maio 2024.

MEDEIROS, Giovanni. **Você sabe o que é um SET de funk e quando surgiu?**: Hoje em dia, o que mais se escuta em São Paulo são os famigerados SET's. 9 jul. 2022. Disponível em: <https://sobrefunk.com/voce-sabe-o-que-e-um-set-de-funk-e-quando-surgiu/>. Acesso em: 29 abr. 2024.

MOLJO, Carina; CUNHA, Ariane Monteiro. SERVIÇO SOCIAL E CULTURA: CONSIDERAÇÕES ACERCA DAS CONCEPÇÕES DE CULTURA NA TRAJETÓRIA DA PROFISSÃO NO BRASIL DESDE A SUA GÊNESE ATÉ OS ANOS 1990. **Libertas**, Juiz de Fora, v. 9, n. 2, p. 78-104, 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/libertas/article/view/18190/9441>. Acesso em: 23 maio 2024.

NAÇÕES UNIDAS. **Brasil**: Relatório sobre Justiça Racial na Aplicação da Lei. Brasil, 1 out. 2024. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/280159-brasil-relat%C3%B3rio-sobre-justi%C3%A7a-racial-na-aplic%C3%A7%C3%A3o-da-lei>. Acesso em: 16 out. 2024.

NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro**: Processo de um Racismo Mascarado. 1. ed. São Paulo: Perspectivas, 2016. 232 p.

O Melhor de Funk Hits 2023. 2023. Disponível em: <https://open.spotify.com/playlist/37i9dQZF1DXajcHa62WwUp>. Acesso em: 20 maio 2024.

OLIVEIRA, Acauam Silvério de. **Sobrevivendo no Inferno**: Racionais MC's. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

PEDRO, Thomaz Marcondes Garcia. **Funk Brasileiro**: Música, Comunicação e Cultura. Orientador: Prof. Dr. José Amálio Pinheiro. 2015. 136 p. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015.

PRÓ-MÚSICA BRASIL (org.). **Mercado fonográfico brasileiro fatura R\$ 1,2 bi primeiro semestre de 2023, considerando receitas nos formatos digital e físico**: Setor cresce 12,6% em relação ao mesmo período do ano anterior. Rio de Janeiro, 25 set. 2023. Disponível em: <https://pro-musicabr.org.br/2023/09/25/mercado-fonografico-brasileiro-fatura-r-12-bi-primeiro-semester-de-2023-considerando-receitas-nos-formatos-digital-e-fisico/>. Acesso em: 26 abr. 2024.

Rap Do Solitário. Compositor: MC Marcinho. 2009. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TwkKp-BBChg>. Acesso em: 11 maio 2024.

REDAÇÃO. **TBT do Funk**: relembre 20 clássicos das antigas que marcaram os anos 90 e 2000. 1 jul. 2021. Disponível em:

<https://kondzilla.com/tbt-do-funk-relembre-20-classicos-das-antigas-que-marcaram-os-anos-90-e-2000/>. Acesso em: 28 abr. 2024.

_____. **TBT do Funk:** Relembre 7 Funks Ostentação que marcaram uma geração. 28 out. 2021. Disponível em: <https://kondzilla.com/tbt-do-funk-relembre-7-funks-ostentacao-que-marcaram-uma-geracao/>. Acesso em: 28 abr. 2024.

SET DJ Boy 3.0 - MC`s Vine7, Don Juan, Hariel, Tuto, Kako, Joãozinho VT e Marks [Clipe Oficial]. 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CWDZF7aJmjE>. Acesso em: 20 maio 2024.

Tati Quebra Barraco - Boladona. 2012. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=USO_Dfu-6Yg. Acesso em: 11 maio 2024.

VERLI, Rafael Gabriel Dias. **Sincretismo Religioso no Brasil Colonial**. Repositório de trabalho de conclusão de curso, Minas Gerais, p. 1-16, 2019. Disponível em: <https://pensaracademico.unifacig.edu.br/index.php/repositoriootcc/article/view/1660>. Acesso em: 13 maio 2024.

VIANA, Luciana Reitenbach. **O FUNK NO BRASIL: MÚSICA DESINTERMEDIADA NA CIBERCULTURA**. Sonora, v. 3, ed. 5, p. 1-21, 2010. Disponível em: https://www.iar.unicamp.br/wp-content/uploads/2021/07/V3_ED05_A3_funknoBrasil.pdf. Acesso em: 8 mar. 2024.